EPOPÉIA-11
EBAL
EPOPÉIA
Nº 11
JUNHO 1953
Cr$ 5,00
scan by Barbier
www.guiaebal.com
AQUILA MARIS

EPOPÉIA (Revista Mensal). ✻ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. ✻ Direção de Adolfo Aizen. ✻ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. ✻ Telefone 48-6391. ✻ Rio de Janeiro (DF.), Brasil.

Conversa do DIRETOR

COM a publicação do nosso próximo número 12, completa EPOPÉIA o seu primeiro ano de existência. Não haverá festas nem edições especiais. Não haverá champanha nem discursos. Mas, em compensação, daremos ao leitor, para seu deleite, uma das mais lindas histórias das dezenas de outras lindas que vimos publicando desde a nossa estréia. Trata-se de "O Correio do Czar", extraído do romance de Júlio Verne, "Miguel Strogoff". Os desenhos são de Ferrari.

CONSOANTE a nossa promessa feita no 1.º número de EPOPÉIA, compraremos as coleções completas, de 1 ao 12, desta revista, com o ágio de 20 %. Assim, o leitor que deseje se desfazer de sua coleção de EPOPÉIA, a partir do próximo número pode se preparar para ganhar dinheiro... Ou perder... Porque a coleção completa de EPOPÉIA, à medida que os anos se passarem, valerá mais, sempre mais, muito mais.

FOI na edição N.º 9, de abril, que iniciamos a reprodução dos quadros célebres da Pintura Brasileira. *"Sansão e Dalila"*, de Oscar Pereira da Silva, foi o primeiro. Depois veio *"O Repouso do Modêlo"*, de Almeida Júnior. E neste número reproduzimos *"Rabequista Árabe"*, de Pedro Américo. Para a próxima edição, selecionamos *"Natureza Morta"*, de Oswaldo Teixeira. Como se poderá ver, sòmente glórias da Pintura Brasileira figuram e figurarão nesta coleção de quadros célebres.

ESGOTOU-SE, até ao último exemplar, a edição de "História de Nossa Senhora de Fátima", da Série Sagrada. Assim, atendendo aos pedidos vindos de todo o país, resolvemos publicar uma nova edição, com nova revisão e nova capa, esta, agora, de autoria de Antônio Euzézio. Uma beleza!

Desta mesma Série Sagrada, em julho próximo, possìvelmente, daremos a "História do Papa Pio XII", o Pastor Angélico, com um autógrafo de Sua Santidade.

SAUDOSISMO, explica o dicionário, é a tendência a elogiar o passado. Em nossa vida de imprensa, de mais de vinte anos, temos encontrado muitos leitores *atacados* de saudosismo, mas, como o *Antônio Luís Araújo*, do Distrito Federal, muito poucos... Já dissemos por inúmeras vêzes, e o repetimos, que o SUPLEMENTO JUVENIL foi uma publicação pioneira das histórias em quadrinhos. Mas, daí a considerá-la o suprasumo no gênero, isso nunca. Para o Antônio Luís Araújo, porém, nada, até hoje, apareceu que superasse aquela revista. Vejam só êste trecho de uma sua carta: *"Lamentável abrirmos uma revista como* EPOPÉIA *e chegarmos à conclusão de que, desenho, só a capa. O miolo, salvo raríssimas exeções, falho, totalmente falho"*. Viram? Mas não é só. Cita, também, alguns dos desenhistas que trabalharam para o antigo jornalzinho e, em seguida, diz mais isto: *"Quem conheceu aquêles trabalhos magistrais, jamais poderá se acostumar aos rabiscos presentes, verdadeiros atentados à pena"*. Leram? Essa é muito boa... E o Vaticano, que contrata os melhores desenhistas para a sua revista "Il Vittorioso" (que são os mesmos contratados por EPOPÉIA) e o Vaticano que não sabia disso? Todavia, não nos aborrecemos com o Araújo. Mesmo, porque, em outros trechos dessa sua carta, êle *lasca* o elogio ao "nosso querido Diretor", achando que por termos dirigido o SUPLEMENTO JUVENIL, teremos jeitinho para melhorar estas outras revistas... Leiam, ainda, êste trecho: *"Com a capacidade de direção que possui V. S., largamente demonstrada no decorrer de todos êsses anos, poderia essa Editôra tornar-se absoluta nesse gênero de publicações, pois, os concorrentes que existem não são de molde a intimidar nem a um dono de quitanda."* Quitanda... A que extremo chegaram os nossos colegas... Brrrr...

PUBLICADAS de 1934 a 1944, mais ou menos, SUPLEMENTO JUVENIL e MIRIM foram revistas que estiveram de acôrdo com a sua época. Hoje, porém, o seu aparecimento provocaria o mesmo ridículo que nos traria o aparecermos trajados com fatiotas daquele tempo...

Essa é a nossa opinião. Devemos olhar para a frente e acompanhar o progresso Tirando os ensinamentos do passado. E é o que procuramos fazer.

ROTEIRO PARA O LEITOR ★

★ "AQUILA MARIS" ★

Época de lutas e de distúrbios, de violências e de crueldade, os anos que marcaram o aparecimento do Cristianismo em Roma foram cheios de acontecimentos extraordinários. É precisamente nesses tempos que decorre esta história, cujo título — "Aquila Maris" — foi tirado do nome de uma galera ligeira e veloz.....

Roma, poderosa e rica, entregava-se aos festins, à devassidão e ao ócio. Sob o domínio de Nero, um tirano louco e perverso, deixara de obedecer à rigidez dos costumes e à disciplina férrea, graças às quais suas legiões haviam imposto a vassalagem a inúmeros povos. O Imperador, os nobres patrícios e altos dignitários só se preocupavam com divertimentos e festas degradantes, assinaladamente os espetáculos realizados nas arenas, quando homens se trucidavam uns aos outros, ou eram trucidados pelas feras esfaimadas... E, no entanto, uma parte do povo sofria atrozmente, reunindo-se às escondidas nas catacumbas, para celebrar os ofícios religiosos da nova doutrina que estaria fadada a dar a redenção ao gênero humano: essa parte era constituída pelos cristãos.

Fúlvio, um jovem de alta estirpe, caíra em desgraça, quando um servo infiel delatara sua família como implicada em uma conspiração contra César. E um inimigo seu, Caio Sextílio, que tentava disputar-lhe o amor da linda e virtuosa Marcela, se vale do ensejo para ficar como tutor desta; Fúlvio tem a cabeça posta a prêmio, e vê sua mãe, a nobre Flávia, sucumbir à perseguição, acusada de conspiradora e de cristã.

Leal, valente e generoso, Fúlvio passa a ser um proscrito, no entanto, dedicando-se à pirataria. Muitos e sangrentos combates tem êle de enfrentar, até que, tocado pela luz da Fé Cristã, êle se decide a seguir os ensinamentos do Mestre da Galiléia... E é com emoção que aquêle herói denodado pede à sua bem-amada, novamente ao seu lado — e também ela uma cristã — que lhe sirva de guia na nova senda. E, no mar, o "Aquila Maris", incendiado por ordem do próprio Fúlvio, afunda, lentamente... Aquela nau representava o passado de Fúlvio, um passado que estaria morto para sempre...

★ CARLOS "MARTELO" ★

Carlos, o glorioso rei dos francos, era filho do soberano-guerreiro Pépin d'Héristal. Naquele tempo, os mouros, habitantes do norte da África, misto de berberes e de árabes, haviam invadido o continente europeu, conquistando a Espanha. Chefiava-os Tarik, cujo nome "Djebel (monte) el Tarik" transformou-se em Gibraltar, no descurso dos séculos. Um dos seus sucessores, Abd-er-Rahman, desde 728 pregava em todos os países muçulmanos a "guerra santa" contra os cristãos. Impelidos pelo fanatismo religioso, os audaciosos guerreiros, cavalgando fogosos e rápidos corcéis, atravessaram os Pireneus, arrasaram cidades, incendiaram templos, até encontrarem o pequeno, mas valoroso exército do Duque Eudes de Aquitaine que, embora vencido, conteve os invasores, dando tempo à chegada de Carlos e seus guerreiros francos, cobertos de armaduras de ferro. A batalha então travada, outubro de 732, foi tremenda e durou dois dias. Abd-er-Rahman morreu heroicamente em combate. A vitória de Carlos foi esmagadora e lhe valeu o cognome de "Martelo" com que passou à História. Impedindo a expansão do Islame na Europa Ocidental, da qual, seu neto, Carlos Magno, foi o grande Imperador, Carlos "Martelo" salvou, por assim dizer, o Cristianismo.

★ O FALCÃO DA MONTANHA ★

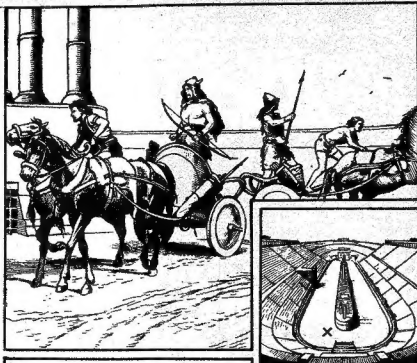
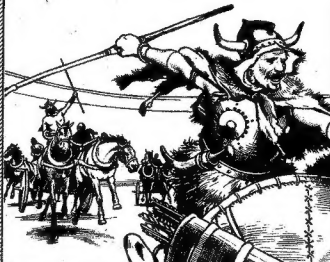
O malvado Conde Gualtiero della Rocca é bem o tipo dos senhores feudais que tiranizavam a plebe, extorquindo-lhe o dinheiro e escravizando-a impiedosamente. Usurpador do Condado de Panicale, Gualtiero della Rocca comete tôda espécie de atrocidade, e chega ao cúmulo de manter nas masmorras do castelo aquêles que, por um motivo qualquer, haviam caído no seu desagrado. Cansados de sofrer, e já não tendo mais com que pagar os tributos que os esbirros do Conde iam cobrar-lhes, os infelizes vassalos só podem vislumbrar alguma esperança de libertação no dia em que vêem aparecer o "O Falcão da Montanha". Quem seria o misterioso "Falcão da Montanha"? Seria êle capaz de levar avante a perigosa missão a que se propusera, devolvendo o domínio do Condado ao seu verdadeiro senhor, o jovem e bondoso Marelo?

É o que esta história, lindamente ilustrada pelo artista italiano Buffolente, nos contará.

"AQUILA MARIS"
(Águia do Mar)
★
DESENHOS DE CAPRIOLI
★
Todo o esplendor da Roma dos Césares é retratado, nesta história, em páginas de lindos desenhos. Também as lutas internas, os conflitos sociais desenrolados em um dos mais agitados períodos do Império Romano — também isso é mencionado em "Aquila Maris". Mais do que tudo, porém, emocionará o leitor o relato do que aconteceu a um certo jovem, Fúlvio Luceri, que ansiava por libertar a meiga e virtuosa Marcela, sua noiva, daqueles que lha queriam arrebatar. A doutrina de Jesus de Nazaré, na época em que se passa esta narrativa, começava a encher de novas esperanças os corações aflitos . . .
São decorridos 64 anos da prodigiosa noite de Belém em que nasceu o meigo Jesus, e a luz do Gólgota vai-se espalhando pelo mundo... Paulo de Tarso — um dos apóstolos da nova doutrina — já está a caminho de Roma, onde, no cárcere, se encontrará com o apóstolo Pedro e, ao lado dêste, que é a "pedra fundamental" do novo credo, se tornará uma coluna da Igreja triunfante!
Roma parece haver chegado ao final dos seus tempos de glória. Vista através da esmeralda que Nero utiliza como lente, a cidade aparece grotescamente transformada... A severidade dos costumes de seus habitantes e a férrea disciplina de suas legiões são apenas uma recordação: o luxo excessivo e a cupidez corromperam a cidade... Ficaram para trás os dias triunfais de Cipião e de Júlio César... Horácio e Virgílio não passam, simbòlicamente, de múmias no sarcófago em que os depuseram. E, sem dúvida, não serão os versos claudicantes entoados ao som da lira por um Imperador histrião — ou o rugido das feras dos numerosos circos — que poderão restituir ao povo romano o perdido esplendor!
Estamos, pois, num dia de verão do ano 64 D. C. O circo chamado de Calígula está atulhado de uma rumorosa multidão. Os sons agudos das trombetas se mesclam aos gritos dos homens e aos rugidos das feras. Está a ponto de principiar o espetáculo.
Como em todos os tempos, o povo romano, que se apinha no anfiteatro, faz comentários sarcásticos...
Olha, estão entrando os Senadores...
Eu, por mim, lançá-los-ia todos às feras!
Estás louco? Seriam capazes de comer os leões!
Nem a pessoa do Imperador é poupada...
Não vejo o pálio vermelho na Tribuna de César!
Em verdade, êle não virá: está em Ânzio, com Popéia e tôda a Côrte...
DESCANSANDO... Quem sabe como não estarão FATIGADOS, de tanto que TRABALHAM!?
Um liberto da côrte imperial, agitando um pano escarlate, dá sinal para que se inicie o espetáculo...
Abre-se a porta chamada "Sanavinária", dos vivos, e, saudados por fragorosos aplausos, entram na arena os gladiadores!

A multidão entusiasmada chama, em grandes vozes, pelo nome, os campeões preferidos: Fórnio, o gigantesco gladiador, e o atlético retiário, que combate com rêde, Gílvio, recentemente adquirido em Arvérnia, a preço alto, pelo maior empresário de lutas entre gladiadores... Mas não serão os dois gauleses que abrirão o espetáculo, e, sim...

Soam as trompas, e velozmente partem as bigas. Mas...

...os essedários — que combatem em bigas, à maneira da Britânia. O espetáculo constitui uma novidade para os romanos, e consiste no seguinte: partindo simultâneamente do mesmo ponto (e seguindo por pistas diferentes) dois grupos de bigas procurarão atingir a extremidade oposta do circo (no lugar marcado com um X no desenho). Aí, cada equipagem tentará impedir que os carros do grupo adversário passem para o outro lado da pista, e possam completar o circuito. Serão vencedoras as equipagens que conseguirem reconduzir seu carro (essedum) ao ponto de partida, perfazendo a volta inteira.

...à altura da curva, devido ao entrechoque violento, vários dos veículos tombam...

Em meio à turba que assiste à competição, acham-se sentados dois homens de pele bronzeada pelo sol; ambos pobremente vestidos à feição dos que lidam em barcos...

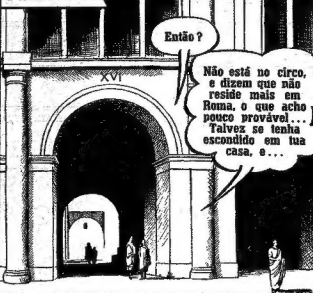
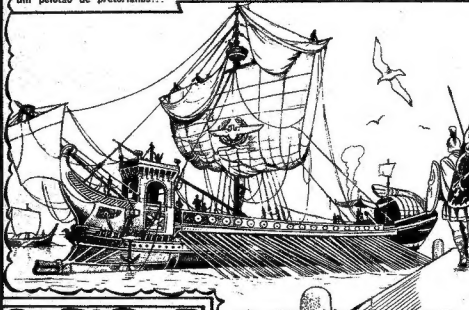
...e que estão conversando em voz baixa, num complicado dialeto frígio, parecendo que não se interessam muito pelo que se passa na arena...

Fúlvio, o mais jovem dos dois, que tem boas razões para não querer fazer-se notar demasiado, expõe-se a grave perigo ao comparecer ao circo, pois tem a cabeça posta a prêmio!

Tendo obtido a promessa de Fúlvio, Marco Túlio desce, saltando sem a menor consideração por sôbre os espectadores.

Entretanto, o espetáculo prossegue. Terminada a luta entre os essedários, são retirados da arena os mortos e os feridos. Aquêles são arrastados por servos chamados "Plutões" e "Mercúrios", através da porta chamada "Libitínia" (dos mortos). Os dois gauleses, saudados por novos e fragorosos aplausos, preparam-se para o duelo.

Para irritar o antagonista, o retiário canta uma canção humorística, fazendo um trocadilho, pois os retiários combatiam na arena vestidos e armados à maneira dos pescadores greco-romanos (empunhando uma rêde de pescar e um tridente, além do punhal à cinta). Como o outro é um gaulês (galo, natural da Gália), é fácil compreender-se o jôgo de palavras.

A Fúlvio, não interessa, absolutamente, o espetáculo... Mas, a um repentino silêncio do público, volta os olhos para a arena, onde está ocorrendo algo verdadeiramente estranho.
Os dois campeões gauleses, que lutavam ao pé da tribuna das vestais, abraçam-se, depois de se haverem ferido de morte um ao outro...
As vestais baixam os polegares, para que os Plutões dêem cabo dos dois...
...mas a multidão, comovida, protesta...
Êles combateram valentemente!
GRAÇA!
Levantai os polegares, bruxas!
As vestais não se deixam tomar de piedade! Fúlvio, enojado, tira delas o olhar e vê o companheiro acenar-lhe para que se retire do circo... Ergue-se, então, mas...
Nisso...
Nemésio! Olha ali! Vês aquêle jovem asiático que se retira? Não achas que se parece com Fúlvio Luceri, o QUESTOR CLÁSSICO que foi proscrito por César?
Sim, é êle!
Por Jove! Temos de saber para onde se dirige! Vem!
Os romanos chamavam "questores clássicos" aos oficiais da Marinha de Guerra.
Mas, como? Agora, no melhor da festa, fazes-me sair? Haverá o combate dos CATERVÁRIOS, os combatentes em esquadrão! E...
Estúpido! Para nós, será a fortuna, se conseguirmos fazer prendê-lo... Há um prêmio de cem mil moedas para quem o capturar!
Entretanto, Fúlvio chega ao pé de Marco Túlio, sob os arcos, à saída do circo.
Então?
Não está no circo, e dizem que não reside mais em Roma, o que acho pouco provável... Talvez se tenha escondido em tua casa, e...
Vamos, então, procurar imediatamente minha mãe! Preferiria não fazê-lo durante o dia, mas esta penosa incerteza me oprime!
Compreendo...
Pouco distante...
Onde está? Aonde foi? Eram dois, não é verdade? Se os perdes de vista, espanco-te! Cem mil moedas seriam o fim dos andrajos! Onde estão, Nemésio? Onde estão?
Ali! Estão a conversar...
Trôpego e gingando o corpo, o velho mendigo estuga o passo empós de Nemésio...
Bem, bem... Sigâmo-los à distância, procurando evitar que nos descubram... Não gostaria que me reconhecesse!
Com efeito, o mendigo é Jauro, antigo escravo liberto da nobre casa dos Luceri. Por poucas moedas de prata, êle, certo dia, traíra Fúlvio Luceri...
Devaneias, ó ancião! Como pode reconhecer-te? Fúlvio é um patrício, e tu não passas de um pedinte!
Tempo houve em que eu não era assim!

Agora, tentado pelo valor da recompensa prometida, Jauro segue o antigo amo, a fim de o trair pela segunda vez! E o jovem Nemésio lhe faz muitas perguntas, enquanto o ancião se fecha em obstinado mutismo...
Queres dizer-me como pode o nobre Fúlvio conhecer-te, e por que o temes?
Cala-te!
Havia muito tempo, durante um banquete em casa dos Luceri, que Jauro, já liberto, tinha a seu cargo o serviço de vinhos. Participavam do banquete alguns nobres e senadores contrários ao partido de César. Foi durante o festim que o liberto, oculto por detrás de um reposteiro, pôde escutar um discurso muito estranho.
O Império está como uma trirreme desmantelada... Faz água por todos os lados.
A culpa é do NAVARCA!
Como é possível tolerar que no trono imperial tome assento um matricida?
Trirreme — Galera com três ordens de remos.
Navarca — Comandante do barco.
Agripina fôra assassinada havia pouco tempo, por ordem de Domício Nero, seu próprio filho, e tôda Roma comentava em segrêdo o horrível delito do Imperador.
Devemos livrar-nos dêste monstro... Certamente é um louco!
Seria mister um homem decidido... Mas não me parece coisa fácil... A guarda pretoriana lhe é fiel...
Jauro ouvira tudo, e...
Farei um plano...
...correra a denunciar os conjurados e seu amo a Augustiano Caio Sextílio, na expectativa de tirar disso grande proveito...
...amanhã, senhor, como sabeis, meu amo embarcará em Óstia em sua nave "Aquila Maris"...
Toma esta bôlsa de dinheiro e livra-me de tua presença... Não preciso mais de ti!
Caio Sextílio fôra, em tempos, amigo de Fúlvio, até que os separara uma profunda rivalidade. Pretendera desposar...
Fúlvio será prêso, e não haverá mais obstáculos ao meu casamento!
...Marcela, nobre e virtuosa jovem, já comprometida com o questor clássico...
No dia seguinte, em Óstia, o "Aquila Maris", bela e veloz birreme comandada por Fúlvio Luceri, está sendo preparada para fazer-se ao largo, quando se apresenta no molhe um pelotão de pretorianos...
A bordo, Fúlvio Luceri e o "Magister" observam...
Hum! Observam... Estão armados... Mau sinal...
Se vêm prender-me, juro que não o farão!
Que pretendeis fazer, senhor?
Escuta com atenção, MAGISTER: tão logo os pretorianos tenham subido a bordo, manda recolher a ponte e afrouxar as amarras!... Avisa à tripulação que se apreste! Todos nos postos de manobra! Compreendeste?
O "Magister Navis" tinha, nos navios de guerra romanos, a função dos atuais imediatos, e era ajudado pelo "Sub-Magister" e pelo "Proreta" (contramestre).
Tendo subido a bordo com apenas dois milicianos — em respeito à especial etiquêta requerida pelo caso, por ser Fúlvio um oficial — o centurião mostra-lhe a ordem de prisão por ter conspirado contra o Imperador. Mas...
Centurião! Em minha nave, só conheço um Imperador: o mar!
Ousaríeis rebelar-vos contra as ordens de César? SOLDADOS! Prendei-o!
Os tripulantes, fiéis a Fúlvio e advertidos pelo "Magister", lançam-se imediatamente sôbre os pretorianos, desarmando-os.
Soltai-me! César vos fará pagar caro o ultraje!
Lançai-os ao mar! E, tu, ó MAGISTER, ordena ao HORTATOR que entoe o canto da partida...
Hortator — O que bate o compasso para os remadores.

Impelida pelos ventos de feição e pela fôrça dos remos, a nave pôs-se velozmente ao largo, enquanto os enviados imperiais eram lançados pela amurada, como se fôssem ânforas vazias...
A partir dêsse momento, o "Aquila Maris" se torna uma espécie de navio-fantasma, e Fúlvio, o lendário e incapturável pirata, cuja cabeça fôra posta a prêmio, sendo prometida, por ela, uma recompensa de cem mil moedas...
Nisso está pensando o infiel servo Jauro, agora mendigo, enquanto com o jovem Nemésio vai seguindo Fúlvio, seu antigo amo, pelas ruas de Roma...
Cem mil moedas, compreendes? Uma verdadeira fortuna! É preciso fazer prendê-lo, a todo custo!
Entrementes, Fúlvio e Marco Túlio, evitando as ruas mais centrais, dirigiam-se para a Suburra, o bairro mais populoso e pobre, onde as casas antigas e feias, com o último andar de madeira, pareciam colmeias.
Fúlvio e Marco Túlio se detêm perto do Palatino, ante modesta casa de pedra...
Que dirá minha mãe ao rever-me depois de tanto tempo?
As mães conservam-nos sempre no coração... Terá a impressão de haver-te visto ontem!
...e o mendigo sabe, agora, o que fazer...
Dirigiu-se à casa da mãe dêle! Era o que eu queria saber! Espera-me aqui, Nemésio! Não tardo a voltar! Se vires sair os dois, segue-os, entendeste?
Ante uma caserna de "vigis" — soldados que têm, ao mesmo tempo, as funções de policiais e as de bombeiros — Jauro pede para falar com urgência ao Cônsul. O soldado de sentinela sorri...
Contentas-te com pouco! Por que não pedes para falar diretamente com o Prefeito?
Se soubesse o que tenho a dizer, até êle me receberia!
Hum! Certo não lhe vais contar que a lôba de Roma pôs um ovo!.
Poupa-me os gracejos! Tenho uma notícia da máxima importância!
Jauro é logo conduzido à presença do centurião. Quando êste é informado de que o mendigo conhece o refúgio de Fúlvio, fita-o, incrédulo.
Cuidado, pois se não dizes a verdade, mando dar-te trinta vergastadas!
Nobre Cônsul, juro-o por Júpiter Máximo!
Pouco depois, sai da caserna uma companhia de vigilantes, guiada por Jauro.
Entrementes, Fúlvio, tendo entrado com Marco Túlio, abraça Flávia, sua mãe. Espera encontrar ali Marcela que, sendo órfã, tinha sido confiada à tutela da nobre senhora.
Que alegria rever-te, mãe!
Deixa-me contemplar-te, filho! Como és belo! O sol do mar bronzeou-te a pele!
E fêz-me os músculos e o coração mais forte que o bronze!

Arriscaste a vida para vir aqui! Se te prendessem, César seria inexorável contigo!
Ó mãe, eu não mais podia viver sem notícias tuas e de Marcela!
A uma pergunta de Fúlvio, anuvia-se o rosto da mãe.
Marcela já não se encontra aqui...
NÃO? Onde está?
Depois que fugiste, quando, por ordem de César, nos confiscaram os bens, alguém reclamou a tutela da jovem, declarando que os Luceri haviam perdido todos os direitos civis...
Quem foi o miserável que nos fêz tal afronta? Dize-me seu nome, para que eu o grave no coração, com ferro e brasa! Dize-mo!
Caio Sextílio!
A mãe de Fúlvio lhe diz, ainda, que Caio Sextílio, tendo obtido de César a tutela da órfã, levara Marcela para sua vila de Ólbia, na Sardenha. A ira de Fúlvio explode como um trovão, e é inùtilmente que a mãe tenta acalmá-lo...
Por Netuno! Juro que êle mo pagará! A ofensa me ateou no peito um ódio tal, que a mais cruel vingança não bastaria para extingui-lo!
Que dizes, filho? O ódio é o pior dos males, e cega o espírito! Há que perdoar, pois só assim...
Perdoar?! Que linguagem é esta, mãe? Não te sabia capaz de falar assim! Vindita, sim... nunca perdão! E...
Um rumor de passos precipitados interrompe Fúlvio: esquecendo tôda etiquêta, irrompe na sala o "atriense", o porteiro, espantado, a anunciar uma coisa terrível!
Ah, senhora! A desgraça cai sôbre nós! Soldados cercaram a casa! E querem entrar!
Oh!
Flávia empalidece e, erguendo os olhos para o céu, leva a mão à fronte, depois ao peito e aos ombros... O filho a contempla, surprêso...
Que significa isto?
É o sinal da cruz! O sinal do Cristo, filho do único Deus verdadeiro, o Salvador...
Que dizes, mãe? Será que te tornaste cristã?
Sim! Adeus, meu filho! O tempo é precioso, foge! Élvio cuidará de fazer-te sair em segurança! Vai!
Depressa, senhora! Depressa!
Élvio, jovem servo gaulês, leva Fúlvio e Marco Túlio a uma passagem subterrânea que, através da rêde de esgotos, conduz da casa à margem do Tibre...
Pela deusa Têmis! Ah! Juro que saberei fazer justiça!
Depressa!
Élvio mal tivera tempo de fechar o alçapão, desaparecendo, quando os soldados irrompem na casa!
Ninguém se mova!
Que se passa, ó centurião? Certo, um grave motivo te induz a agir assim. Talvez um incêndio?... Ou cometeu algum de meus servos, sem que eu o soubesse, um feio delito?

Perdoai-me, senhora... Oculta-se nesta casa um homem que há tempos procuramos...
Enganas-te, centurião! Asseguro-te que nenhum estranho entrou aqui.
Perdoai-me, senhora, mas o dever me impõe certificar-me... Soldados! Revistai a casa!
Os milicianos rebuscam todos os recantos, mas, em vão!
Tendes razão, senhora. Mas quem nos deu a informação errada pagará caro!
Quem vos deu tal denúncia?
Fabrício: traze aqui o mentiroso mendigo!
O soldado pega pela nuca o esfarrapado Jauro, que se escondia atrás da porta, e o arrasta para junto de seu superior e de Flávia.
Ai! Pobre de mim!
Piedade, nobre Prefeito! Juro-vos...
Mas... é Jauro, o antigo escravo meu, a quem dei a liberdade!
Senhora, minha benfeitora! Intercedei por mim! Foi a miséria que me aconselhou mal! Perdoai-me! Sei como sois bondosa!
Por que não havia de perdoar-te? Levanta-te... Toma esta moeda... Não tenho mais com que minorar-te a pobreza.
Ofereceis pão ao cão que vos morde? Por Quirino! Cuidaremos, senhora, de lhe dar o resto! Apanhará mais chicotadas que um asno empacado!
Piedade, ó nobre entre os mais nobres filhos de Marte! Sou inocente! Foi a febre que me cegou... estou doente... Tende compaixão de mim!
À noite, num recanto solitário e coberto de ervas da margem do Tibre, onde desemboca, borbulhante, uma das inúmeras cloacas, surgem, de repente, como estátuas de lama, Fúlvio, Marco Túlio e Élvio...
Nademos... Sigamos, por bom trecho, a torrente!
Precisamos ultrapassar o pôrto fluvial.
Sim... é ali que está o perigo... Cuidemos de nadar no mais absoluto silêncio...

E, assim...
Uma sentinela!
Ultrapassado o pôrto fluvial, guardado por sentinelas, e tendo chegado ao lado direito do rio, Fúlvio e seus dois companheiros sobem à margem e chegam a um quarteirão de sórdidos casebres...
...e param, hesitantes...
Temos de ficar de atalaia! Não podemos dizer ainda que estamos a salvo!
Com efeito, pouco depois, desembocando repentinamente da estrada principal, surge, a pequena distância, uma patrulha de rondantes a cavalo...
...e os três companheiros se acautelam.
Temos de nos esquivar!
Sim, dispersêmo-nos! Mais tarde nós nos reuniremos junto a um túmulo isolado que se encontra a meia milha daqui, na direção Norte!
Mas...
Alto!
Fúlvio, Marco Túlio e Élvio naturalmente tratam de não obedecer! E começa a perseguição...
Não me viram!

A noite é amiga dos fugitivos. Após movimentada perseguição, os guardas, considerando a impossibilidade de dar com os três amigos, renunciam à emprêsa e voltam à cidade.

Aquêles três devem ter qualquer culpa! É por isso que fogem!

É impossível dar com êles, nesta escuridão...

É como procurar uma pulga na lã de uma ovelha.

Fúlvio, Marco Túlio e Élvio, meia hora depois, encontram-se junto a um grande túmulo isolado, no campo.

E...

Vinde comigo... Conduzir-vos-ei a lugar seguro.

Tens amigos por êstes lados?

Sim! Muitos amigos... Debaixo da terra...

Então... são MORTOS?

Não... São mais vivos do que nós, porque terão vida eterna!

Que estranhas palavras, jovem! Só os deuses são imortais!

Chegando perto de uma elevação coberta de moitas e abrolhos, Élvio acena aos amigos para que se detenham. Depois, desce alguns degraus escondidos pelas ervas e talhados na própria terra, e se detém ante uma entrada que leva ao subsolo...

Com muita cautela, descendo os degraus escorregadios, Fúlvio e Marco Túlio seguem Élvio quase sem vê-lo, na treva que se adensa. O caminho é úmido e estreito, as paredes cobertas de salitre, mas...

...na extremidade do comprido corredor, finalmente...

Aqui se reúnem em prece os meus companheiros de fé...

Que fé? A druídica, talvez? És natural da Gália...

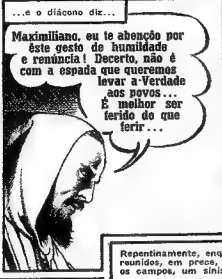
...os cristãos! Agora sou um dêles, pela graça de Deus, e aqui venho amiúde orar pelos vivos e pelos mortos...

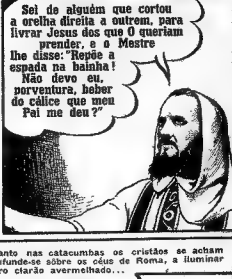
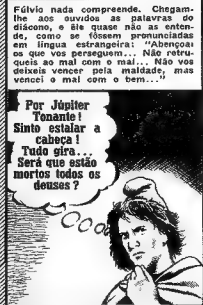
O lugar, alumiado por lâmpadas de terracota, abre-se numa espécie de rotunda de abóbada altíssima. De um dos recantos chega aos ouvidos dos três amigos um longínquo salmodiar... Súbito, vem à mente de Fúlvio a imagem de sua mãe, no ato de persignar-se...

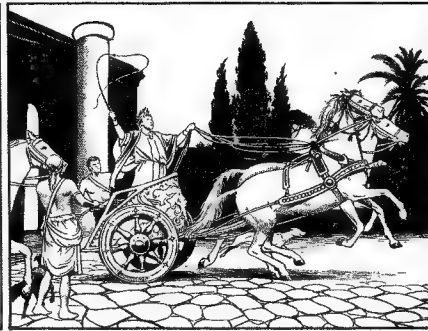
Por Jove! Esta é a mais singular aventura de minha vida!

Fúlvio está admirado...

Que amor é êste que supera os confins da morte e ressurge do Além?

Entre a multidão de fiéis que, como que por um passe de mágica, surgiram dos nichos e corredores que convergem para a rotunda, Fúlvio descobre, de repente, um jovem centurião da guarda pretoriana! Atemorizado, toca no braço de Élvio e faz-lhe um sinal ..

...e o diácono diz...

Maximiliano, eu te abençôo por êste gesto de humildade e renúncia! Decerto, não é com a espada que queremos levar a Verdade aos povos... É melhor ser ferido do que ferir...

Fúlvio nada compreende. Chegam-lhe aos ouvidos as palavras do diácono, e êle quase não as entende, como se fôssem pronunciadas em língua estrangeira: "Abençoai os que vos perseguem... Não retruqueis ao mal com o mal... Não vos deixeis vencer pela maldade, mas vencei o mal com o bem..."

Por Júpiter Tonante! Sinto estalar a cabeça! Tudo gira... Será que estão mortos todos os deuses?

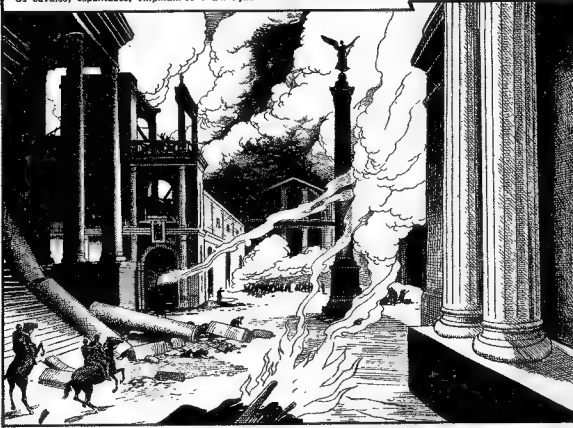
...e, daí a pouco, nas proximidades das catacumbas onde se encontram Fúlvio, Marco Túlio e Élvio, surge na estrada uma aflita multidão, carregada de volumes e de trastes, como que louca de espanto... Algo de terrível deve ter acontecido em Roma. É a noite de 19 de julho... Um cristão que ficara montando guarda à entrada dos subterrâneos, interroga os fugitivos...
Por que fugis, irmãos?
É o incêndio!
Tôda Roma está ardendo!
O incêndio irrompeu na Suburra, e cada vez mais se propaga, devido ao vento!
Ao saberem da notícia, saem dos subterrâneos, consternados, os que lá estavam... As perguntas se cruzam com as respostas...
Despertamos com o crepitar das chamas...
Nossa casa foi destruída!
O fogo invadiu tôda a cidade! Ameaça até o palácio de César!
Fúlvio se aflige, e sai correndo!
Minha mãe está em perigo! Tenho de voltar a Roma!
Iremos nós outros! Tu te arriscarias a ser prêso!
Fúlvio, Marco Túlio e Élvio abrem caminho na multidão, ansiosos por chegarem a Roma, o quanto antes...
Impossível! Eu é que devo ir! A vida de minha mãe está em perigo! Cada instante que passa pode ser fatal!
Iremos contigo!
O Imperador Domício Nero, avisado do incêndio quando se achava em sua vila de Anzio, tão logo lhe dizem que as chamas se alastram, ameaçando seu palácio, arrebata as rédeas da mão de um auriga e chicoteia, êle próprio, os cavalos, a ponto de tirar-lhes sangue, ansioso por admirar o imenso incêndio... O vento traz ao campo um cheiro acre de coisas queimadas...
Ah! Por que não posso ordenar às chamas que me esperem chegar, para se erguerem mais alto?
A uma curva da estrada, no alto de uma pequena elevação, o Imperador detém os animais, para apreciar, de longe, o espetáculo incomparável... Mas, logo torna a partir, tangido pelo temor de não chegar a tempo...
Ó Plutão! Ó Perséfone! Vós, que comandais o terrível e sublime poderio do fogo, fazei que meus olhos de artista vejam o que Enéias viu, o que Homero cantou: uma cidade em chamas!

Entre a multidão de fugitivos, alguns cavalos sem cavaleiro correm, desvairados de terror.

Fúlvio e Marco Túlio conseguem capturar dois dêles...

Marco Túlio pega Élvio na garupa do cavalo, e saem, a galope, os três amigos, rumo à cidade em ruínas...

A multidão sai das muralhas da cidade, como se estivessem todos dementes, procurando a salvação. Algumas feras, evadidas dos circos, igualmente excitadas pelo terror, misturam-se com os que fogem, rugindo, e aumentando a confusão!

Dentro das muralhas, as chamas se erguem aos céus num crepitar sinistro. Negra fumaça impenetrável turbilhona ao sôpro do vento e invade as ruas por entre tetos e paredes, que desmoronam com surdo rumor... Os cavalos, espantados, empinam-se e ameaçam derrubar os cavaleiros...

As estátuas, nos palácios em ruínas, parecem alvos fantasmas, tremendas aparições entre as nuvens negras da tempestade de fogo. Atormentados por aquêle inferno e meio cegos pelo fumo, Fúlvio e Marco Túlio, guiados mais pelo instinto do que pelos olhos, conseguem, afinal, encontrar o caminho do Palatino. .

Entrementes, Nero, derrubando fugitivos e atropelando tudo o que encontrava na estrada, chegara, com alguns de seu séquito, ao palácio! E, no terraço...

Completamente dominado pela loucura, que o faz crer que é o maior artista e poeta do mundo, Domício Nero, um dos mais sinistros imperadores que já houve no mundo — auriga, histrião, tocador de lira e também assassino, — declama, do mais alto terraço do palácio, ante o medonho incêndio que destrói Roma!

"As labaredas unem terra e céu, Roma se cobre de flamante véu, fumo, fragor, e gritos de agonia! E os versos meu a cobrem de poesia!"

Estupendo! Belíssimo!

Perdoa, Homero, se te superei!

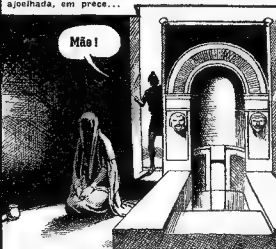
Enquanto isso, Fúlvio, Marco Túlio e Élvio vêem, afinal, aparecer entre a fumaça a casa onde Flávia fôra residir depois do confisco de seus bens... Não fôra ainda tocada pelo incêndio que, todavia, a ameaça de perto!

Talvez minha mãe já não esteja aqui...

A porta está entreaberta...

Terá conseguido escapar-se! Como faremos, então, para encontrá-la?

Flávia, entretanto, não abandonara a casa. No ângulo mais recôndito de um aposento, Fúlvio a encontrou, ajoelhada, em prece...

Mãe!

Mãe! Minha mãe! Que felicidade, encontrar-te sã e salva!

Deus nos proteja, Fúlvio! O Senhor está conosco! Rezava por ti, e eis que Êle me concede abraçar-te!

Não há tempo a perder! A cidade é tôda uma voragem... Os servos... Onde estão teus servos?

Fugiram, tomados de pânico... Não quis segui-los, porque abrigava no coração a esperança de rever-te!

Covardes! Como puderam fugir e deixar-te sòzinha em perigo?

Filho... Nunca estamos a sós, quando Deus está conosco!

O incêndio, que por um momento parecera aplacar-se, reaviva-se com o recomêço da ventania, rugindo com maior violência, e se alastra... As labaredas invadem o parque vizinho à casa de Flávia, tornando cada vez mais ameaçador o perigo...

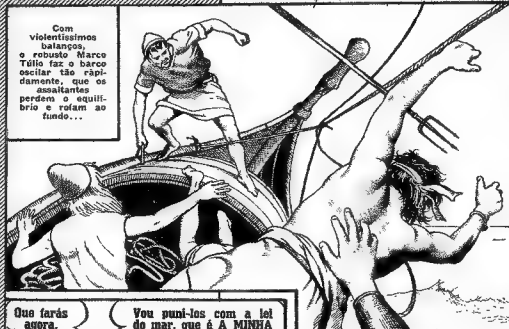
Marco Túlio e Élvio atrelam a um carro abandonado os dois cavalos e, com Flávia, dirigem-se a Óstia...

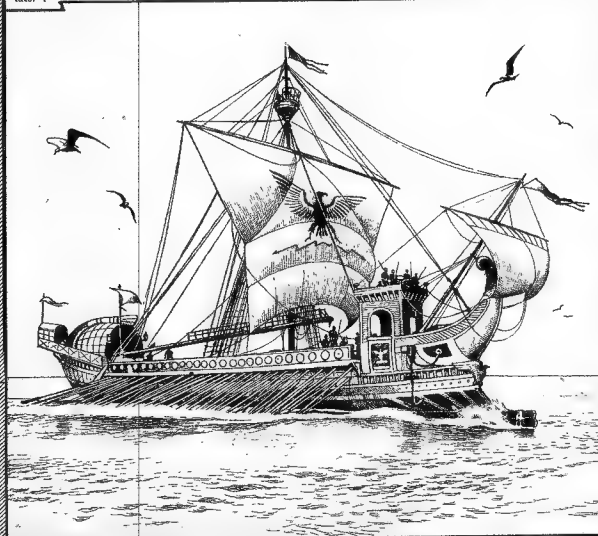
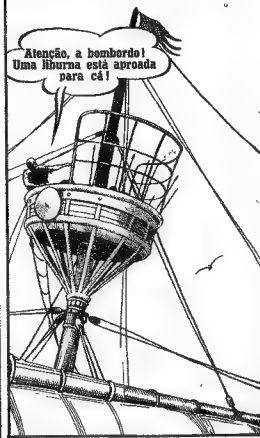
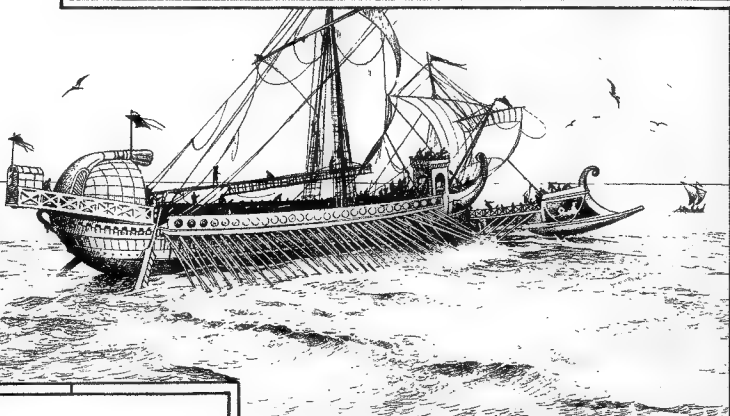
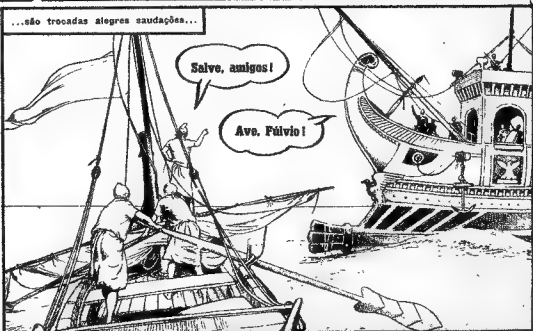
Só quando houver passado o risco, mãe, retornarás a Roma...

E tu, Fúlvio? Que farás?

Meu destino está no mar! Irei a Ólbia com a minha nau. Doravante, só tenho um objetivo na vida: libertar Marcela...

Mais tarde, numa casa à beira-mar, em Óstia, Fúlvio encontra um bom refúgio para a mãe. Com o escasso dinheiro que levara na fuga, pôde mobiliá-la, comprar provisões e um pequeno barco de pesca...
Certo dia...
Aqui poderás viver em paz. Ninguém ousará incomodar-te! Os proprietários da casa, que são boa gente, puseram à tua disposição dois de seus escravos... Esta noite, embarcarei com Marco Túlio. O "Aquila Maris", comandado pelo MAGISTER, espera-me numa enseada pouco distante do Circeu...
Fica mais um dia!
Eu gostaria, sim, mas não posso! Temo por meu barco... As naves de guerra cruzam constantemente estas águas, e foi grande a prova de fidelidade que exigi de minha tripulação! Não posso abusar mais dela! Segundo combinamos, só me esperarão até amanhã à noite...
Compreendo... Quando tornarei a ver-te?
O futuro está na mão dos deuses, mãe!
...de Deus, Fúlvio! Do ÚNICO Deus verdadeiro! Aquêle em que eu creio! O Deus da misericórdia infinita e do infinito Amor! Aquêle que certamente te salvará, filho!
Assim seja!
Élvio, o jovem servo cristão, faz um pedido a Flávia.
Senhora, se consentis, eu gostaria de seguir vosso filho!
És livre, Élvio... Se êle quiser...
Bem... Pareces-me um rapaz de coragem... Preferiria eu que ficasses com ela, mas...
Há aqui muitos cristãos, inclusive os proprietários da casa. Ela será protegida e respeitada.
Pouco depois, na praia...
Observa aquêle jovem!
Tu o conheces?
Não. Creio que não!
É Fúlvio Luceri, o proscrito!
Por Netuno! Tu deliras! Como poderia êle estar aqui? E onde está a sua famosa birreme? Nós, pescadores, teríamos notícia da chegada da galera!
Digo-te que é êle! Conheço bem êsse demônio! Estêve em Roma, e só o incêndio lhe permitiu fugir à armadilha que lhe preparei! Não sou estúpido... Segui-o até aqui, apesar de meus achaques, e... se o permitirem os deuses, com a vossa ajuda, enriqueceremos! A cabeça dêle vale cem mil moedas... compreendes?... Trinta mil para mim, e o resto para vós, a dividir entre todos!
Mas... E tu? Quem és?
Meu nome é Jauro...

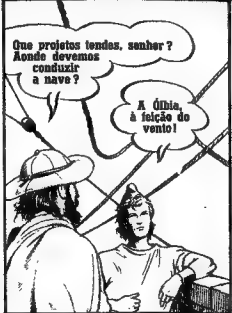
O sol acaba de desaparecer ao longe, na ampla extensão marinha, que as tênues sombras do crepusculo tingem de violeta... De um ponto solitário da praia, um pequeno barco de pesca, tripulado por três homens, faz-se lentamente ao largo... É Fúlvio que, com os dois fiéis companheiros, parte para o seu destino..
Adeus, mãe! Tão logo chegue a Ólbia, mandar-te-ei notícias!
Flávia e sua nova serva cristã saúdam os que partem...
Deus te guarde e te abençoe, filho! Que o teu anjo te siga como te segue meu coração — a tôda parte, e sempre!
Adeus, meu filho! E praza aos céus que em breve um sinal te alumie a alma!
Levado por suave brisa, o barco de Fúlvio não tarda a dobrar o promontório sul e aproa ao Circeu. Mas, um barco de pesca, muito maior e mais veloz, com a figura de um sol rutilante pintado na vela, o alcança, e...
...o ultrapassa, cortando-lhe a rota. Depois, simulando manobra errada, seus tripulantes investem! Nesse barco se encontram Jauro, o traidor, e três pescadores de Óstia, os quais Jauro convenceu, acenando-lhes com a perspectiva da grande recompensa, a capturarem Fúlvio...
Que fazeis, loucos? Virai de bordo!
Armados de tridentes e de punhais, dois pescadores saltam, àgilmente, ao barco de Fúlvio, logo seguidos do terceiro, enquanto Jauro prudentemente se esconde...
Fúlvio Luceri! Fôste banido das terras do Império! Rende-te!
Não resistas, que para ti será melhor!
Para nós, tanto dá capturar-te vivo como morto! O edital é bem claro!
Como uma fúria, salta Fúlvio sôbre o homem que o ameaça mais de perto, segura-lhe o tridente e o parte!
Miseráveis! Não me apanhareis nem vivo, nem morto!
Marco Túlio, da proa, solta um grito de advertência e junta uma frase em dialeto frígio, que ninguém, a não ser Fúlvio, compreende: "— Cuidado", diz, "segura-te bem que eu vou fazer o jôgo cipriota!"
Cuidado, Fúlvio!

Com violentíssimos balanços, o robusto Marco Túlio faz o barco oscilar tão ràpidamente, que os assaltantes perdem o equilíbrio e rolam ao fundo...
Fúlvio, advertido, agarrara-se oportunamente ao mastro! Já agora se lança aos três inimigos, e, logo, os imobiliza, ajudado por Élvio e Marco Túlio...
Por Plutão! Haveis de vos arrepender de terdes ousado afrontar Fúlvio Luceri!
Outra corda!
Que farás agora, Fúlvio?
Vou puni-los com a lei do mar, que é A MINHA lei!... Ajudai-me a transportá-los para o outro barco... Amarrá-los-ei ao mastro e abrirei um rombo no casco! O mar me parece aqui bastante profundo...
Cêrca de cem pés...
Fúlvio é pagão e desconhece a doce ventura de perdoar. Sua lei é a lei do mais forte! Debalde procura Élvio opor-se aos seus propósitos de vingança...
Não podeis fazê-lo, Fúlvio! Seria um homicídio!
Élvio! Se Roma houvesse tido piedade de seus inimigos, acabaria como Cartago: com as suas ruínas cobertas de sal!
Marco Túlio, como seu amo, não é jamais compassivo com os inimigos. Por isso, obedece prontamente às ordens de Fúlvio!
Depressa!
Vendo que perdera a partida, Jauro sai do esconderijo possuído do mais profundo terror, corre instintivamente para a outra borda, estaca, gira sôbre si mesmo, tropeça e, com um grito, cai ao mar!
ÁÁÁÁÁI!
Quem era aquêle homem?
Aquêle que nos deitou a perder, senhor!
Dentro em pouco, ireis ter com êle!
Foi a pobreza que nos impeliu ao mal! Tende piedade de meus dois filhos, da inocência dêles! Matai-me, se o quiserdes, mas, poupai-os! É só o que vos peço, senhor! A mãe dêles abençoará vossa generosidade!
Pálido de ira, Fúlvio pega um machado e alça-o para abrir uma brecha no casco da embarcação ..
Cala-te, cão! Também eu tenho mãe, sabes? Há meia hora não pensavas nisso!
...mas a lembrança suave da mãe e de suas doces palavras de perdão parecem paralisar-lhe, de repente, os músculos: "O ódio é o pior dos males .."
Há que saber perdoar, Fúlvio... Pagar o mal com o bem...
Marco Túlio olha, espantado, para Fúlvio, mas apressa-se a obedecer...
Então? Em que pensas? Pareces delirante...
Oh, não é nada! Desamarra êsses homens, Marco, e deixa-os ir!
Pouco depois...
Ide-vos! Estais livres!
Sacrificaremos, em teu louvor, um galo ao deus dos abismos! Ah, senhor! Como sois bondoso!

Passam-se os dias. O famoso "Aquila Maris", a bela birreme de Fúlvio, espera, no fundo de uma pequena enseada, próxima ao Circeu, o retôrno de seu comandante, mas já se escoaram um dia e uma noite depois do prazo que êste marcara...
O "Magister" da nau, que ficara a bordo com a equipagem, acha que Fúlvio foi capturado, e comenta com seu subordinado ..
Não quis êle escutar minhas advertências! Foi demasiado imprudente...
Não temais, senhor, pois êle voltará!
Esperêmo-lo! Mas... até o tempo se volta contra nós... Vês aquêle montão de nuvens no poente? Ameaçam tempestade! E, aqui, estamos sem recursos, para o caso de nosso barco sofrer avarias...
É verdade: acabaremos dando à praia...
Convém fazer-nos ao largo, e ir pôr-nos ao abrigo detrás da ilha Pontia!
Sim, senhor!
HORTATOR! Desperta os homens! Todos a postos! Vamos partir!
Pouco depois, soberbo e ligeiro, o "Aquila Maris" sai do refúgio inseguro. Seus cento e vinte remos se alçam, cintilando ao sol, e recaem, ao ritmo de bárbara canção, marcada pelo surdo e cadenciado rufar do tambor do "hortator".
De repente, o corbitor (vigia) dá um aviso...
Atenção, a bombordo! Uma liburna está aproada para cá!

Por Júpiter! Esperemos que não nos reconheça! Se Fúlvio estivesse aqui, não hesitaria em atacá-la, mas...
De qualquer forma, estamos em perigo! Se não a atacamos, poderá encontrar Fúlvio, e capturá-lo!
O "Magister" do "Aquila Maris" sente-se realmente embaraçado! Com efeito, a liburna era um tipo de nau pequena, esbelta, com apenas uma ordem de remos, mas rapidíssima, fácil de manobrar e equipada com homens escolhidos. Por isso, era bastante temida, até pelas qüinqüerremes... Para piorar a situação, o vigia do "Aquila Maris" avista, à direita, o barco de Fúlvio, bem reconhecível pela flâmula azul que ondula na ponta do mastro. E a liburna se lança ao ataque!
O embate é terrível, mas breve! Em perfeita manobra, o "Aquila Maris" se esquiva ao esporão da proa da liburna, vira e contra-ataca, cravando em cheio o seu próprio esporão na diminuta nave. Depois, recua para safar o esporão, e aguarda . A água se precipita aos borbotões através da larga brecha. De bordo da outra nave, que está a ponto de afundar, ordena-se que ela seja aproada para a costa, numa tentativa de a encalhar. Enquanto isso, o barco de Fúlvio se acerca, veloz, do "Aquila Maris"...
Pouco depois...
...são trocadas alegres saudações...
Salve, amigos!
Ave, Fúlvio!

Fúlvio, Marco Túlio e Élvio são festivamente acolhidos no "Aquila Maris"...

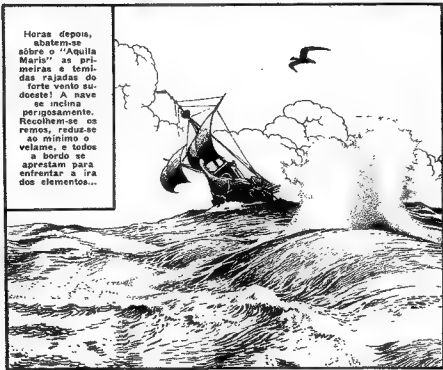
Viva!

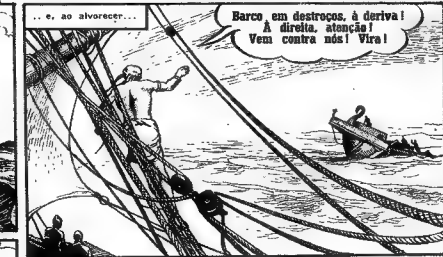
Bem o dizia... Êle é capaz de cortar as barbas a Plutão!

Já vos via acorrentado na prisão Mamertina!

Era o que esperavas, para assumir o comando da nave, hein?

Que projetos tendes, senhor? Aonde devemos conduzir a nave?

A Ólbia, à feição do vento!

Os remadores, estimulados pelo chicote, apressam o ritmo, dando tôda fôrça aos remos equilibrados por um contrapêso de chumbo... Avizinha-se a tempestade, e é mister apressar o mais possível a velocidade da embarcação...

Horas depois, abatem-se sôbre o "Aquila Maris" as primeiras e temidas rajadas do forte vento sudoeste! A nave se inclina perigosamente. Recolhem-se os remos, reduz-se ao mínimo o velame, e todos a bordo se aprestam para enfrentar a ira dos elementos...

Por tôda a noite ruge a tormenta, castigando o mar Tirreno.

.. e, ao alvorecer...

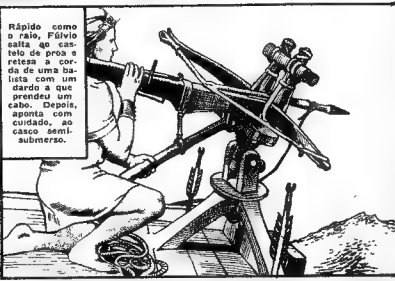
Barco, em destroços, à deriva! À direita, atenção! Vem contra nós! Vira!

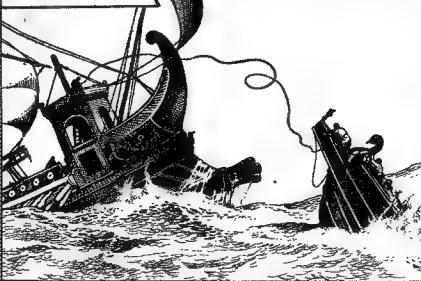
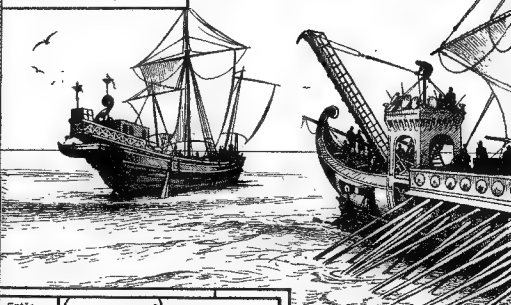
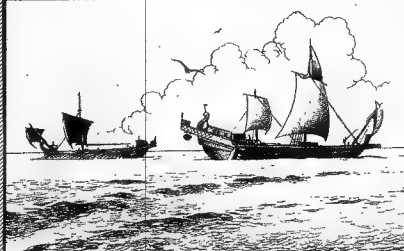
É uma pequena embarcação mercante, com gente a bordo! Fazem-nos sinais!

Temos de salvá-los!

Mas... como? É impossível a abordagem, com êste tempo! E nem podemos enviar a SCAFA!

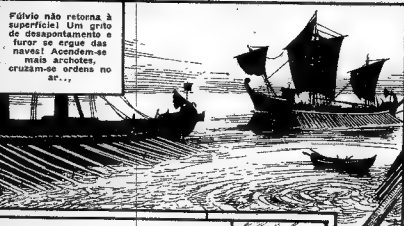
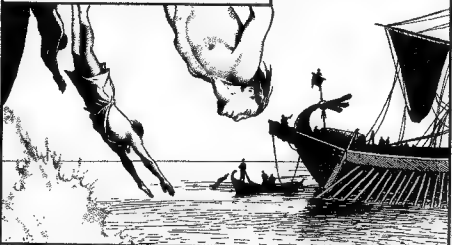
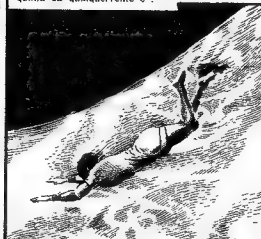
Deixa-me pensar!

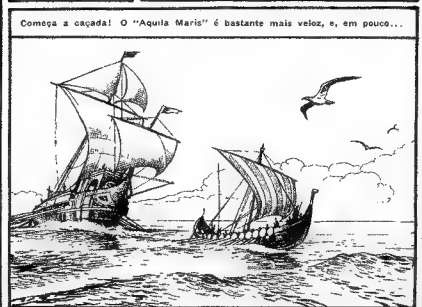
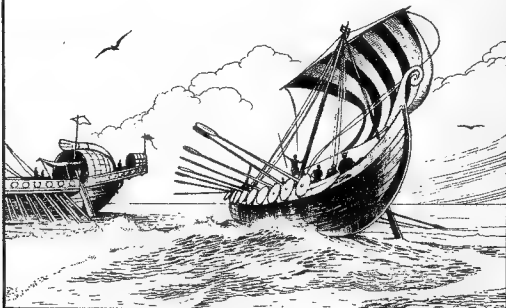
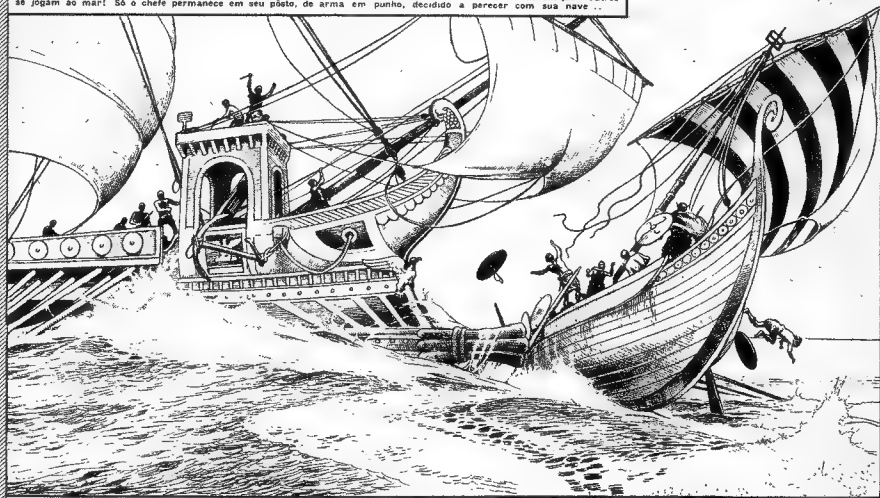
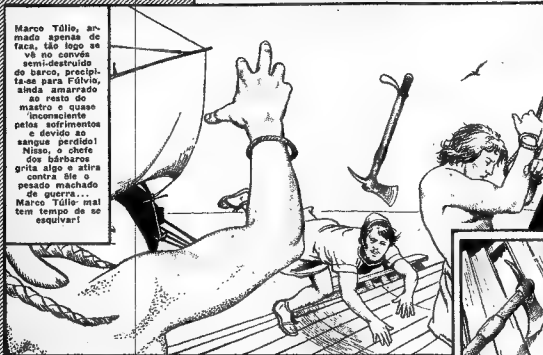
Scafa — Bote de salvamento das naus romanas.

Rápido como o raio, Fúlvio salta ao castelo de proa e retesa a corda de uma balista com um dardo a que prendeu um cabo. Depois, aponta com cuidado, ao casco semi-submerso.

O dardo disparado por Fúlvio se crava nos destroços. Os náufragos prendem a corda a uma argola, e...
...pouco depois...
Fúlvio interroga os náufragos. O mais jovem dêles lhe diz ..
Íamos a Ólbia, senhor, justamente com outros navios, para apanhar um carregamento de cereais. A tempestade e a escuridão da noite dispersaram-nos... Meu pai comanda a nave maior...
Alegrai-vos, então, pois nós também vamos a Ólbia! Ali desembarcareis...
Leva-os, e dá-lhes de comer e de beber!
Sim, senhor!
Por volta do meio-dia, surge, no horizonte, uma nave mercante. O mar, já acalmado da fúria, está tranqüilo...
Ótima prêsa! Precisamos de víveres... Fôrça aos remos, e os combatentes a postos! Colhei a DOLONA e preparai o passadiço! Todos prontos para a abordagem!
Dolona — Pequena vela de proa.
Os dois barcos se aproximam...
O passadiço cai sôbre a amurada da nau mercante, e Fúlvio comanda a abordagem.
Avante!
Então...
Rendei-vos!
FÚLVIO! És tu?
O comandante da nave assaltada, Sílio Senon, se acha ligado a Fúlvio por antigo vínculo de afeto fraternal e, embora não o tenha visto há mais de cinco anos, logo o reconhece...
Tu, Sílio Senon! Meu amigo caríssimo! Não esperava encontrar-te aqui!
Detende-vos, homens! Abaixo as armas!
Abrindo nervosamente caminho entre a multidão de homens armados, o jovem náufrago salvo por Fúlvio se lança nos braços de Sílio, seu pai...
PAI! Meu pai!
MARCELO!

O jovem náufrago narra ao pai como Fúlvio o salvara. Sílio Senon procura testemunhar sua gratidão. .
Caro amigo! Deixa-me abraçar-te de novo! Quando encontrei tua nave, estava à procura de meu filho e já desesperava de encontrá-lo!
O que por mim fizeste, Fúlvio, não é coisa que se possa recompensar materialmente. É indispensável dizê-lo, mas... se posso ser-te útil em alguma coisa... Dá tuas ordens: eu e meu navio estamos ao serviço de tua causa!
Nesse caso... oferece-me um bom copo de vinho de Falerno! Há tanto tempo que não o provo!
Pai! Sei do que êle precisa, pois ouvi tudo: necessita de víveres para seus comandados!
SUB-MAGISTER! Manda transportar à nave dêles tôdas as provisões que temos, sem esquecer as dez ânforas de Falerno destinadas a Caio Sextílio!
Sim, senhor!
Caio Sextílio, disseste?
Sim... Por quê?
Fulvio pede a Sílio notícias da jovem...
Ia precisamente... visitá-lo! Sabes, amigo, que por culpa dêle sou hoje um homem perseguido? Para assumir a tutela de minha amada — lembras-te de Marcela? — denunciou-me a César!
Caio Sextílio mantém-na mais como prisioneira do que como pupila... Estou certo de que ela não o seguiu voluntàriamente!
Minha mãe pensa o mesmo!
Mas hei de arrancar-lha! Ainda que para isso tenha de lutar contra todos os navios de César!
Embora o desaconselhe, por achar arriscada a emprêsa, Sílio dá a Fúlvio a localização da vila de Caio Sextílio .
Aconselho-te a que não te exponhas! Muitos gostariam de cooperar em tua missão!
...ergue-se numa rocha a pique, à beira-mar, num lugar solitário, mas muito perto do pôrto de Ólbia, onde se acha ancorada uma esquadra imperial...
Pouco depois, Sílio Senon saúda o amigo, augura-lhe bom êxito e afasta-se com a sua nave. .
Dois dias depois, tendo desembarcado em Ólbia, Sílio se dirige à vila de Caio Sextílio, porque sòmente dêle, após desembolsar grande quantia, pode obter licença para transportar trigo.
Roma precisa de trigo! Depois do incêndio, César mandou distribuir rações extraordinárias, mas os armazéns de Cápua e Bonônia estavam quase esgotados. Amanhã, sem falta, tenho de iniciar o carregamento...
Não é tão fácil! Também nossas reservas são escassíssimas, e será difícil convencer o edil...

Não me cries dificuldades, Caio Sextílio! Dar-te-ei, desta vez, três mil talentos...
É pouco! Pela carga completa, quero seis mil!
Isto já é extorsão! Já é pirataria! Não tenho tanto dinheiro!
Não empreguemos palavras grosseiras! Os piratas varrem os mares — eu, amo a terra!
Não posso dar-te mais de cinco mil talentos... Perdi, na tormenta, um navio, e quase perco meu filho! Creio que...
Bem, vá lá, pelos cinco mil!
Concluído o negócio, Caio Sextílio convida Sílio a jantar. Êste gostaria de recusar, mas .. tem muito empenho no carregamento do trigo. No triclínio, acham-se tambe . presentes o che da frota ancorada no pôrto e a linda Marcela, tôda ataviada à moda oriental.
Bebo êste vinho à saúde da linda Marcela, a quem proteges!
É uma proteção que eu dispensaria!
Tem espírito, a jovem!
Ela é um tanto rebelde! Quero que seja educada com a austeridade de uma severa matrona romana. Vencer-lhe-ei o orgulho de modo suave, mas inflexível!
Meu tutor gostaria que eu passasse todo o tempo em casa, a tecer... como Penélope... mas ainda não me deu com que trabalhar...
Sem que os comensais o saibam, como se brotasse da sombra da noite, surge, no horizonte, uma birreme, que se aproxima com a silenciosa ligeireza de um fantasma — é o "Aquila Maris"!
E, a bordo. .
Lá está a vila de Caio Sextílio! MAGISTER! Faze arriar os dois botes, e escolhe dez homens de fibra! Entre êles, quero o Marco Túlio!
Enquanto isso, no triclínio, Caio Sextílio, despertado pela ironia da jovem, tenta humilhá-la recordando a condenação infamante lançada contra Fúlvio
Há pouco Sílio Senon me falava de piratas... Quem pode informar sôbre êles é Marcela, pois conheceu um... que atualmente bate os mares, sempre em fuga...
Não é bom falar de piratas, à mesa!
Realmente, conheci um, Fúlvio Luceri! Se todos fôssem como êle, o mundo estaria cheio de homens leais, valentes e generosos!
Desgosta-me contradizer-te, jovem! Mas se o encontro, mando-o dependurar do mais alto mastro de minha qüinqüerreme...
Nisso, como evocado por essas palavras, surge no vão de uma janela Fúlvio Luceri, em pessoa!
Falais a meu respeito, ao que parece!

Fúlvio, que surgira de modo tão estranho e inesperado, aproxima-se, seguido pelos fiéis companheiros! Os comensais estão aterrorizados!
Aconselho-vos a não fazerdes o menor gesto de resistência! Meus homens subjugaram os guardas e cercaram a vila!
Apanhado no próprio esconderijo...
Tu, vaidoso chefe, dizias que um dia me reduzirias a pedaços... Agora, nem poderias dar tal ordem, de tanto que te treme a língua!
Êeee... Eé...
E, tu, Caio Sextílio, o delator! Que ousaste denunciar-me sabendo-me inocente... agora não falas? Balbucia, ao menos, para que te possa ouvir a voz!
Conspiraste contra César!
Todos vós farieis o mesmo, se não fôsseis tão covardes! Mas o mêdo vos aconselha a respeitar um imperador louco e incendiário! Basta! Não vim aqui palestrar convosco!
Pretendes matar-nos?
Não temas! Não morrerás à espada: estourarás de indigestão!
Fúlvio chama, com um aceno, Marco Túlio...
Amarra-os todos, Marco Túlio!
Fúlvio!
Marcela! Por tua causa, vim aqui! Para reconduzir-te, se o quiseres, para junto de minha mãe, que te espera!
Eis-me aqui, Fúlvio! Estou pronta!
Antes de desaparecer com Marcela, o audaz Fúlvio se volta uma vez mais para os comensais, agora imobilizados.
Teria podido matar-vos a todos... Não o faço porque valeis menos que o javali que estáveis comendo! Adeus!
Daí a pouco...
Para os botes, antes que dêem o alarma!
Enquanto isso, no triclínio...
A jovem tinha razão: leal, valente e corajoso!
Depressa! Tito! Faustino! Desamarrai-nos, e chamai os guardas do pôrto!
Os servos acorrem ao terraço e dão o alarma!
O pôrto anima-se, flameja de archotes; cruzam-se as ordens de bordo dos navios ancorados junto ao molhe... Já se apresta uma embarcação de pequeno porte, para sair no encalço dos fugitivos!

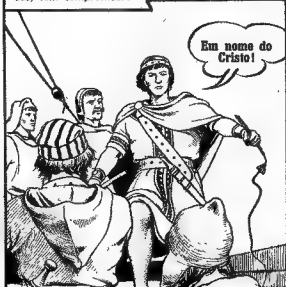
Fúlvio e Marcela alcançaram os dois botes, que os remadores impelem a tôda fôrça sôbre as tranquilas águas prateadas pelo luar, rumo ao "Aquila Maris" que os espera. Mas a embarcação que saiu do pôrto para dar caça aos fugitivos, manobra para lhes cortar a retirada ..
Fôrça! Avante! Vós, do outro barco, ponde-vos à direita para proteger-nos o flanco!
Todos a um tempo! Fôrça! Um... Dois! Um... Dois!
Se conseguirmos transpor a linha de recifes antes que êles tenham dobrado a ponta, estaremos salvos! As nuvens escondem a lua! Bem...
Mas duas... não: são mais três grandes naves a sair do pôrto!
Por Jove! Dize-me, ó Marco! A que distância estamos do "Aquila Maris"?
Talvez a um quarto de milha!
Vendo que a fuga era impossível, Fúlvio recorre a uma decisão heróica!
Marcela e vós, Marco e Élvio! Passai ao bote maior, que é mais veloz, e ide para bordo de nossa nave! Voltarei sòzinho, e...
Enlouqueceste, Fúlvio!
Cala-te, Marco! Confio-te Marcela, a quem amo mais que à própria vida! Leva-a a salvo! Quanto a mim, não te preocupes: tenho um plano... Verás que conseguirei ludibriá-los! Obedece!
Enquanto os companheiros se afastam, Fúlvio dá volta ao bote e vai ao encontro das naves perseguidoras! E...
Fúlvio tira a pesada couraça e lança-a, com o gládio, ao mar. Depois, cruza os braços e mantém-se ereto, na proa.
Sou Fúlvio Luceri, o pirata! Rendo-me!
Como o jovem previra, os comandantes das naves não pensam noutra coisa senão em deitar-lhe mão, e, assim, ganhar a elevada recompensa! Para impedir-lhe a evasão, dispõem as naves em círculo e mandam acender os archotes...
Pela deusa Venília! É êle mesmo!

As naves são manobradas de modo a se disporem em tôrno do pequeno barco. Fúlvio, dando aos remos, dirige-se para a pôpa da embarcação mais próxima, uma qüinqüerreme. Lançam-lhe uma corda e, quando o jovem faz menção de alçar-se por ela para bordo, tôdas as mãos se estendem para êle! A cobiça tolhe a tôdos a respiração, e os olhares seguem, fascinados, cada um de seus movimentos...
Segurando-se à corda, Fúlvio afasta, com decidido impulso do pé, o pequeno bote, e os da qüinqüerreme o puxam para o alto, bruscamente. As mãos do mancebo se desprendem da corda, e...
Ááái!
Fúlvio não retorna à superfície! Um grito de desapontamento e furor se ergue das naves! Acendem-se mais archotes, cruzam-se ordens no ar...
Hábeis nadadores saltam em busca de Fúlvio...
Mergulhadores tomam parte nas buscas...
...mas, em vão! Fúlvio desapareceu! Um a um, voltam os mergulhadores, exaustos e tiritantes, para bordo das naves...
Não há dúvida, é bem estranho... Dizem que Netuno o protege, e é provável que...
Qual nada! Êle morreu!
Já agora, todos se acham convencidos da morte do pirata. Mas Fúlvio, depois de cair à água, segundo o seu plano preconcebido, passa sob a quilha da qüinqüerreme e .
...vai emergir do outro lado, detrás do remo de direção. Durante todo o tempo das buscas, êle ali se conservava oculto, à sombra, agarrado à "mano averrunca" (ornato de bronze em forma de mão, que, nas naves romanas, servia para reforçar o encaixe das traves externas).
Quando as naus se afastam para voltar ao pôrto, Fúlvio, já livre, põe-se a nadar calmamente, silencioso e preciso...
Depois de haver nadado durante muito tempo ao longo da praia, resolve, de madrugada, pôr pé em terra, exausto...

Mais tarde, alguns pescadores de origem fenícia, que habitam numa aldeia próxima, encontram Fúlvio desfalecido na praia...
Certamente é um escravo que fugiu de alguma nave de passagem...
Impelidos pelo sentimento de solidariedade que une a gente do mar, os pescadores transportam o jovem à aldeia, constituída por algumas casas de estilo púnico, agrupadas em tôrno de um antiqüíssimo "nurago" (antigo monumento sepulcral da Sardenha).
Agasalhado e alimentado, Fúlvio recobra as fôrças ao fim de alguns dias. Receando ser denunciado às autoridades romanas de Ólbia, esconde sua identidade aos que o abrigam.
Não sou remador nem marinheiro, e, sim, passageiro de uma nave... Eu perdi os sentidos e caí ao mar...
À noite, enquanto tôda a aldeia repousa, Fúlvio, habituado a estar atento mesmo durante o sono, se ergue ao ouvir, na praia, vozes suspeitas ..
São os rapineiros "venedi", terríveis homens de origem céltica, hábeis navegadores e quase indiscutíveis dominadores dos mares do Norte, que desceram ao Mediterrâneo em busca de pilhagem. Fúlvio logo os identifica, ao observar a linha característica da embarcação, encurvada, com a vela de couro pintada em listras... Um grande perigo paira sôbre os habitantes da aldeia!
Fúlvio pega as armas e, com o punho da espada, bate repetidamente no escudo de cobre! Seus gritos e os sons do metal despertam tôda a aldeia!
Às armas! Piratas!
Depressa! Que as mulheres, velhos e crianças se refugiem no nurago! Ficai dez de vós, para defendê-los! Os outros, comigo! AVANTE!
Fúlvio, audaz, como se estivesse à frente de seus homens, na ponte do "Aquila Maris", se lança ao combate, sem cuidar do perigo, mas...
Uma dor aguda na fronte o faz tombar.. Feriu-o um machado que um dos atacantes lançara Os "venedi" eram exímios nessa arma, jactando-se de serem capazes de atingir, em plena tempestade, o tôpo da árvore mais alta! Só a espessura do elmo de bronze salva Fúlvio de ter o crânio partido. Entretanto, êle perdera os sentidos, e os piratas, certos de que feriram o chefe da aldeia, arrastam-no para a nave, como refém...

Dada a impossibilidade de vencerem os valentes pescadores fenícios, muito superiores em número, os assaltantes se põem ao largo, levando, consigo, Fúlvio. Supondo ser êste o dirigente da aldeia, pensam pedir por êle um bom resgate... Mas, vendo aparecer ao norte uma esquadra romana, acham mais prudente desfraldar a vela e fugir rumo ao oeste, para os lados das "Colunas de Hércules" (Gibraltar).
A fresca brisa da madrugada e o suave balouçar da nave fazem Fúlvio voltar a sí...
Onde estou? Ah, lembro-me... os piratas...
A nave dos piratas veleja, agora, a poucas milhas da costa setentrional da África, e Fúlvio, que passara a noite amarrado ao mastro, descobre, repentinamente, ao longe, a silhueta conhecida de uma certa embarcação!
Soltai-me!
Debalde Fúlvio descarrega sua ira. O chefe dos piratas bárbaros não compreende uma palavra de sua língua.
Aonde me conduzis? Se consigo libertar-me — por Plutão o juro — hei de queimar-vos com a vossa nave!
O "Aquila Maris"! Ah, se eu pudesse avisar meus homens de que estou aqui!
O chefe dos piratas dá ordens a seus homens, em uma linguagem gutural, que Fúlvio desconhece...
Bekar knut ollanfen! Whalla man!
Whalla, ie! Rhagnar loss!
Com audácia sem par, a pequena embarcação pirata se apresta para atacar a birreme, que, entretanto, lhe percebe a manobra..
O "Magister" do "Aquila Maris" ordena ao "Sub-Magister" Marco Túlio que mande virar a nave, para investir contra a embarcação dos piratas nórdicos e mandá-la ao fundo. Mas, êstes também dão volta e, mudando de tática, dispõem-se à fuga...
Começa a caçada! O "Aquila Maris" é bastante mais veloz, e, em pouco...

Mas o "Magister" do "Aquila Maris" não se deixa apanhar de surprêsa! Faz virar prontamente a birreme e atira-a, como um ariete, de encontro à nave inimiga. Muitos dos bárbaros são lançados à água, com a violência do choque. Outros se jogam ao mar! Só o chefe permanece em seu pôsto, de arma em punho, decidido a perecer com sua nave...

Marco Túlio, armado apenas de faca, tão logo se vê no convés semi-destruído do barco, precipita-se para Fúlvio, ainda amarrado ao resto do mastro e quase inconsciente pelos sofrimentos e devido ao sangue perdido! Nisso, o chefe dos bárbaros grita algo e atira contra êle o pesado machado de guerra... Marco Túlio mal tem tempo de se esquivar!
O machado se crava, com surdo ruido, na madeira, a pequena distância de Marco, que dêle se apodera, enquanto o chefe celta, furioso por ter errado o golpe, corre contra êle, de espada erguida! Entrementes, o barco se inclina cada vez mais. . Um pouco ainda, e adernará de todo, arrastando os três ao abismo!
De bordo do "Aquila Maris", um arqueiro númida, de mira infalível, distende o arco e. .
Ái!
A flecha se crava na mão do bárbaro que, humilhado, por ter sido três vêzes batido, abandona a luta inútil e se encolhe a um canto do barco. . Sem perda de tempo, Marco liberta Fúlvio, que perdera os sentidos, e, com ajuda dos companheiros, alça-o para bordo da birreme...
Pouco depois...
Marco! Onde está Marcela?
Graças, Marco!
Está em segurança! Levei-a para a tua vila perto de Tagaste, na Numídia! Voltávamos agora à Sardenha, para ir buscar-te...
A noite...
Vamos para Tagaste! E quanto àqueles bárbaros celtas, que foi feito dêles?
O chefe dos celtas se rebela ferozmente, gritando palavras que ninguém compreende .
Recolhemos todos, menos três, que puderam escapar...
Prendei todos aos remos! E o chefe?
Também foi aprisionado!
Bem! Para êle, corrente dupla!

Debalde os homens do "Aquila Maris" procuram prender ao banco o gigantesco bárbaro nórdico! Êle não cessa de gritar palavras incompreensíveis .. Élvio se adianta para êle ..
Compreendo um pouco de seu dialeto... Êle diz que é um príncipe e chefe de uma tribo de Rodones, na Gália Lugudonense, e que prefere a morte à vergonha das correntes e do remo...
Bem, se assim é... Terá tratamento ESPECIAL: para começar, cinqüenta chicotadas, e depois encadeai-o ao primeiro TRANÍTICO da direita! Obedecei!
Os primeiros "traníticos" eram os remos mais cansativos.
Dada a ordem, Fúlvio vai para a pôpa da nave, apoiando-se ao ombro de Élvio. Dói-lhe a ferida da fronte... Sente-se apreensivo e inquieto...
Certamente, não aprovas meu modo de agir, não é verdade?
Como poderia eu, senhor, julgar os vossos atos?
Sem dizer palavra, Fúlvio fita, por longo tempo, Élvio — que não abaixa os olhos.
Sei o que pensas! "O ódio é o pior dos males"... "Cumpre saber perdoar"... Minha mãe dizia o mesmo... Ela é cristã como tu, Élvio, e...
Quem sabe? Talvez tenhais razão... Eu pensava encontrar alívio na vingança, no pagamento do mal com o mal! Mas... que amarga alegria é essa, Élvio!
Os primeiros gritos do prisioneiro, que está sendo açoitado, comovem a Fúlvio, que se põe de pé, e..
Detende-vos! BASTA! Desatai as cordas!
Devemos acorrentá-lo ao remo?
Não! Deixai-o em paz!
Fúlvio torna a sentar-se junto a Élvio, animado e sorridente
É estranho! Lembras-te de quando "perdoei" os três pescadores de Óstia? Também naquela ocasião senti uma alegria assim... Fala-me de teu Deus, ó Élvio!
Com o entusiasmo de sua fé simples, sincera e pura, o jovem gaulês fala ao seu senhor sôbre o doce Galileu e sua divina missão redentora na Terra Fúlvio, escuta, absorto, as palavras às vêzes serenas e ditas à meia voz, às vêzes ardentes, que lhe descerram novos horizontes e a estrada luminosa havia tanto tempo — e em vão — procurada através do árido e cruel mundo pagão...
Silenciosa e veloz, a birreme prossegue, nesse meio tempo, a viagem noturna, até que no horizonte aparecem as luzes de Tagaste...

No maravilhoso parque da vila de Fúlvio Luceri, perto de Tagaste, onde o perfume dos jasmins e dos aloendros em flor e tão intenso que turba os sentidos, acha-se Marcela, acompanhada da jovem escrava Tauite Ambas contemplam o mar prateado pelo luar e sulcado por navios que se dirigem ao pôrto não distante de Cartago ..
Estou pensando em Fúlvio, Tauite... Crês que êle esteja são e salvo? Tardarei a vê-lo?
Em minha terra, lá para o Sul, entre montes estranhos que se lançam ao céu, como dardos, há um cego, senhora, um sábio que VÊ o que não nos é dado ver... Êle talvez vos pudesse responder...
Fala-me de teu país, Tauite!
É distante, senhora, e cercado pelo deserto! Chamam-no, aqui, "a terra dos homens de rosto velado"... Talvez já tenhais ouvido falar dêle...
Um rumor abafado de passos faz estremecer Marcela, que se apoia ao braço da escrava...
Daí a pouco...
MARCELA!
FÚLVIO! Louvado seja Deus!
Fúlvio conta ràpidamente a Marcela as extraordinárias aventuras que lhe sucéderam desde a sua separação: a captura, os tormentos da sêde no navio dos bárbaros, a milagrosa libertação e, enfim, lhe fala da alegria que sentiu ao perdoar o sanguinário chefe nórdico... Marcela sorri...
Conheço essa alegria, Fúlvio, porque também a senti... Sim, como tua mãe, Flávia, também eu sou cristã!
À inesperada revelação da jovem, Fúlvio se queda surprêso, enquanto um sorriso radiante lhe ilumina o rosto. Depois...
Élvio! Onde está o Marco?
No pôrto, senhor! Encontrou-se com alguns homens do mar recém-desembarcados de um barco de mercadores chegados de Óstia, e em cuja companhia o deixei...
Acompanha-me, Élvio! Marcela, não tardarei a regressar!
Numa taverna do pôrto, Marco Túlio ouve, dos amigos, uma terrível informação!
...é o que te dizemos, irmão! Nero, temendo as conseqüências da acusação que lhe fizeram de haver incendiado Roma, lançou a culpa sôbre os cristãos... Já começaram os morticínios!
...o Circo Máximo está alagado de sangue... e... até a mãe de teu amo...
Que dizes, amigo? Flávia é cidadã romana! E é da nobreza! Talvez estejas enganado!
Não! Eu próprio a vi... no Circo, quando a lançaram às feras! E...
Cristo reina sôbre nós!

Cantavam o "Christus regnat"! Cantavam... e seu canto ressoava pelo Circo... como se o seu eco devesse ficar para a Eternidade!
Flávia... morta!
Marco!
Consternado pela notícia que recebera, e apreensivo pelo aspecto verdadeiramente estranho de Fúlvio, o fiel Marco o segue, a correr... Receia que o jovem tenha sabido do que sucedera à sua mãe e que isso o haja enlouquecido!
Aonde vais, Fúlvio? Aonde me conduzes?
Ao "Aquila Maris"! Verás!
E, então...
Linda nave, não, Marco? Contemplêmo-la... pela última vez!
Fúlvio sobe a bordo com passo decidido e ordena a Marco que liberte os remadores! Depois, despedaça o chicote do guardião! Todos o contemplam, admirados, sem compreender!
Em nome do Cristo!
A partir dêste momento, sois todos LIVRES! MAGISTER! Toma as riquezas de bordo, todo o meu ouro, e podes distribuí-lo aos homens, a começar pelos escravos, pelos remadores!
Gritos de júbilo brotam de tôdas as gargantas! Aquelas mãos calosas, contraídas e chagadas pelo tormento dos remos, erguem-se para Fúlvio!
Quando os homens estão prontos, Fúlvio ordena-lhes que deixem a nau e, com uma tocha, incendeia-a. Depois, desembarca...
As chamas sobem a grande altura. Crepitando, invadem a ponte, lambem as velas... Fúlvio contempla a cena, mudo e absorto. Súbito, alguém lhe pousa a mão, suavemente, no braço... É Marcela!
Fizeste bem em vir! Compreendes o significado de tudo isto, não é verdade?
Sim, Fúlvio! Aquela nave era um símbolo — o símbolo do ódio e da vingança... o símbolo de uma existência que queres deixar...
E o "Aquila Maris" afunda, lentamente!
Que JÁ DEIXEI, Marcela! Abre-se ante mim uma nova senda, um caminho luminoso mas desconhecido... Servir-me-ás de guia!
FIM

CARLOS
"MARTELO",
O Último
Baluarte
Eis um palpitante episódio da vida de Carlos "Martelo", o heróico defensor do Cristianismo, quando os exércitos mouros assolavam a Europa, depois de terem transposto o Mediterrâneo. A batalha de Tours, em que tomou parte saliente Carlos "Martelo", teve um desfecho decisivo, conforme vai aqui narrado.

Depois do ano 711, os mouros (ou sarracenos), tendo conquistado a Espanha, começaram a investida para o norte, no intuito de exterminar tôda a Europa cristã. Grande parte do Sul da França já estava ocupada, quando êles se defrontaram com o pequeno exército do Duque Eudes de Aquitaine, que sustentou combate a fim de os deter, até Carlos, rei dos francos, concluir os planos gerais de defesa...

Certo dia...
Que notícias há do Sul?
Eudes está prestes a capitular. As fôrças de Abder-Rahman o superam de tal maneira que não lhe é mais possível continuar a luta. Se Carlos chegasse até cá...

Alguém mencionou o meu nome?
Carlos! Estais aqui! Agora, sim... temos novas esperanças!

É tarde demais para salvar Eudes. Iremos ao encontro de Abder-Rahman com soldados bastantes para vencê-lo.

No dia seguinte...
Postem-se de guarda, e, assim que avistarem os exércitos de Abder-Rahman, venham comunicar-mo imediatamente.

Os mouros, sob o comando de Abder-Rahman, destroçaram o exército do Duque Eudes ao norte de Bordeaux.

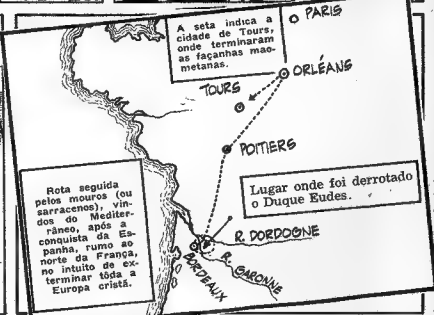
Vendo a batalha perdida, Eudes trata de fugir antes de ser capturado...

...e, quando encontra os batedores...

Não há tempo a perder! Devemos avisar Carlos que os mouros avançam em direção a Tours!

Enquanto isso...

Olhem, lá está Poitiers!

Um templo cristão! Destruam-no!

A seta indica a cidade de Tours, onde terminaram as façanhas maometanas.

PARIS

ORLÉANS

TOURS

POITIERS

Rota seguida pelos mouros (ou sarracenos), vindos do Mediterrâneo, após a conquista da Espanha, rumo ao norte da França, no intuito de exterminar tôda a Europa cristã.

Lugar onde foi derrotado o Duque Eudes.

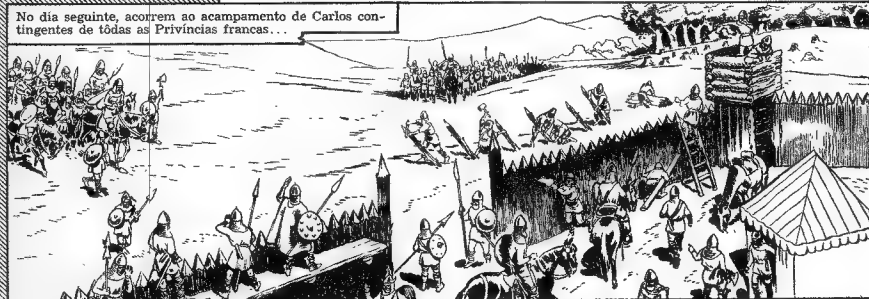
R. DORDOGNE

R. GARONNE

BORDEAUX

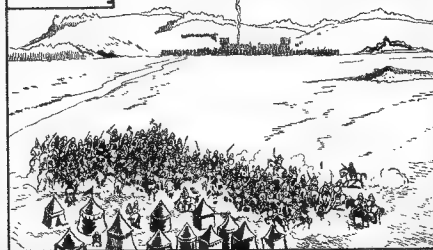
Muito bem. Mandem cavaleiros a tôdas as guarnições e digam-lhes que se venham reunir aqui o quanto antes!

As ordens de Carlos são cumpridas...
Os mouros estão chegando! Todos para Tours, imediatamente!

No dia seguinte, acorrem ao acampamento de Carlos contingentes de tôdas as Privíncias francas...

Enquanto isso, os mouros se aproximam.

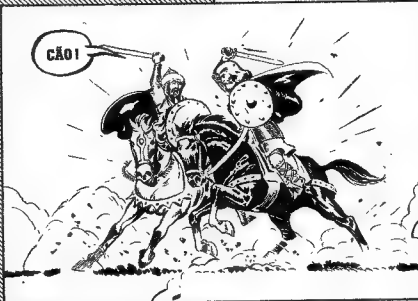
Um exército de francos! Paremos aqui para ver o que êles pretendem!

Podemos esperar mais do que Abder-Rahman. Cedo ou tarde, êle terá que atacar!

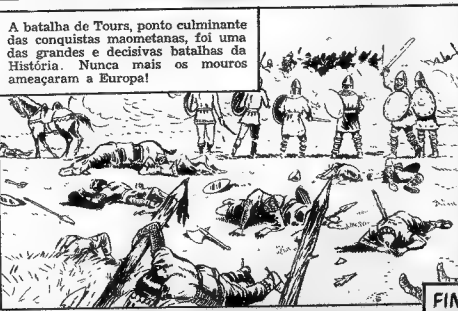
Durante sete dias, os dois exércitos permanecem frente a frente. Finalmente, os mouros se decidem, e, conforme a expectativa de Carlos...

...desferem um ataque cerrado.

Os francos esperam o inimigo.

O choque é tremendo, e a batalha parece favorecer ora os francos, ora os mouros. De repente, porém...

CÃO!

Toma! Não queimarás mais igrejas!

Abder-Rahman caiu! Retirada geral!
Retirada!

A batalha de Tours, ponto culminante das conquistas maometanas, foi uma das grandes e decisivas batalhas da História. Nunca mais os mouros ameaçaram a Europa!
FIM

"O FALCÃO da MONTANHA"
DESENHOS DE BUFFOLENTE
Na primeira metade do século XIV, o Condado de Panicale vive sob o despotismo de um cruel senhor feudal, o Conde Gualberto della Rocca, que, do castelo que usurpara, tiraniza impiedosamente seus infelizes vassalos.

Em certa tarde de verão, um venerável ancião passeia solitário, meditando, sôbre as muralhas do Castelo.

De repente, uma porta se abre...
Boa tarde, senhor Folco, procurei-vos por todo o Castelo!
Que tens a dizer-me, Odilo?

O povo não pode mais suportar a tirania de Gualberto! Por que não aproveitamos a oportunidade para agir?
E... que podemos fazer? Sabes bem que o indigno senhor destas terras se cerca de uma numerosa escolta de esbirros, tanto ou mais malvados que êle mesmo...

...enquanto que o jovem Conde Marcelo, o nosso verdadeiro senhor, e de quem fui preceptor, sofre injustamente. Gualberto lhe usurpou o título e a fortuna, e êle permanece atirado numa sórdida masmorra.
Não podemos esperar, senhor!

O velho Folco olha o céu crepuscular que se vai tornando escuro, e...
Não, Odilo! É preciso ter paciência! A justiça divina espera os tiranos para o Juizo Final.
E, enquanto esperamos... sofremos!

Em uma sala do Castelo, o Conde Gualberto se banqueteia, com seus conselheiros e cortesãos.
Onde está Folco?
O velho preceptor não tolera o meu domínio, senhores!

Êle tem sorte de ser protegido pelo Duque de Este. Se assim não fôsse, já estaria no mesmo lugar que o pupilo dêle!
Bem pensado, senhor!

Mas estou cansado de tanta petulância! Qualquer dia...
Cuidado, senhor! O velho Folco tem amigos dentro e fora do Castelo...

A observação provoca a ira do tirano!
Ao diabo, Folco e quem o protege! Bebamos, senhores!
Um brinde ao Conde!

Aparece, então, um chefe dos esbirros...
Apresento meu leal Sircone. Vem à frente, Capitão, vem!
Boa noite!

Vim para dizer-vos, senhor, que o povo morde o freio. É preciso meter-lhe as esporas!
Isso é parte de tuas funções. Faze como bem entenderes...

Mas as lágrimas do ancião não comovem nem Sircone nem os seus comandados. O infeliz, apesar de seus rogos, é amarrado a uma árvore, com as costas desnudas. Um soldado está para dar a primeira chibatada, quando...

Sou "O Falcão da Montanha"! O meu caminho é sempre aquêle onde há um oprimido a defender ou um infeliz a socorrer! Soltai aquêle homem, já disse!
És arrogante, cavaleiro! Soldados, vamos dar-lhe uma lição!

Dois esbirros, já com as espadas fora da bainha, avançam contra o cavaleiro...
Duas boas estocadas te farão engolir a empáfia!
É o que pensas, sicário!
...mas no primeiro encontro...

...são derrotados, com grande surprêsa de Sircone!
Êsse... tem músculos de aço!
Queres também uma lição?

É preciso cercá-lo! Todos ao ataque! Vamos!

Todos se atiram contra o cavaleiro...

...mas as suas espadas são arrancadas e saltam longe!

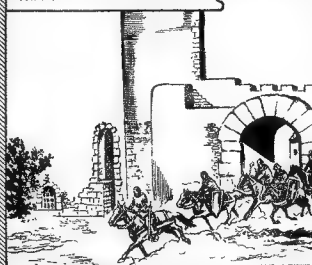
Tomados então de pavor, fogem em debandada, enquanto Sircone os chama, em vão!
Voltai!
Êle é o diabo em pessoa!

Então, o misterioso cavaleiro apeia e vai em socorro do ancião.
Pobre de ti... Se eu não chegasse a tempo, ter-te-iam açoitado!
Já estaria morto...

Agradeço-te, jovem! Não queres vir à minha casa?
Não, tenho que viajar muito, ainda!

Dizendo isso, monta no cavalo e parte...
Adeus!
Que Deus te ajude!

Momentos depois, a galope, se aproxima do Castelo...

Ali chegam, no entanto, muito feridos, Sircone e os seus subordinados.

Enquanto êstes vão medicar os ferimentos, o desventurado Sircone procura o Conde...

...que está em seu costumeiro exercício de esgrima com o mestre de armas. Sircone entra...

Sem que se apercebam de sua presença, Folco ouve a conversa entre o Conde e Sircone. E uma expressão de surprêsa surge em seu semblante.

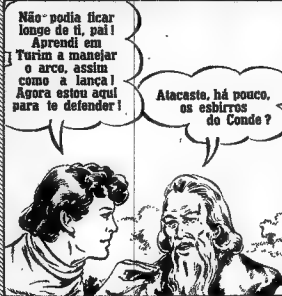
Ao se aproximar de uma janela, Sircone tem um sobressalto.

Também Folco se dirige a uma janela, mas, ao avistar o cavaleiro, assusta-se, tamanha é a surprêsa que experimenta!

Nos subterrâneos do Castelo, só êle conhece uma passagem secreta...

Seguindo o escuro labirinto, Mestre Folco surge momentos depois próximo à estrada que leva ao Castelo. A pedra que tapa a saída da passagem secreta se fecha logo após, voltando a ter o aspecto de uma simples rocha, de que ninguém poderá suspeitar.

E, numa curva, Mestre Folco espera seu filho...

Pai e filho se abraçam, comovidos.

Não podia ficar longe de ti, pai! Aprendi em Turim a manejar o arco, assim como a lança! Agora estou aqui para te defender!

Atacaste, há pouco, os esbirros do Conde?

Ataquei uns malvados, que se preparavam para fustigar sem piedade um pobre velho indefeso...

Assim tratam os senhores quem não paga os tributos...

Mestre Folco está triste. A fadiga o obriga a se sentar numa pedra, à beira do caminho.

E o Conde Marcelo, teu companheiro de infância, foi atirado às masmorras do Castelo, junto a outros que ousaram opor resistência ao usurpador!

Irei ao Castelo e, com a minha espada, farei justiça!

Mas a sábia prudência do velho preceptor sugere outra solução.

Não, Fiorello! Seria um sacrifício vão!

Vai para a aldeia e, lá, espera por uma ocasião mais oportuna. Tenho amigos no Castelo. Mandarei chamar-te.

Está bem, pai. Seguirei teu conselho!

Fiorello se afasta, sob o olhar enternecido do ancião...

Vai, filho meu! Eu te abençoo, e Deus há de te ajudar no teu ideal de justiça!

...que volta pelo mesmo caminho secreto que, momentos antes, percorrera.

Ao Conde Gualberto e a Sircone, que observavam de uma janela do Castelo, não escapou, porém, nenhum detalhe do encontro do velho Folco e do misterioso cavaleiro A ira do Conde não tarda a explodir...

Foge-nos o "falcão", Sircone! Mas, outra "ave" cairá em nossas mãos! Vai, e traze-me aquêle velho!

Sim, senhor.

A porta da tétrica e escura prisão é aberta para Mestre Folco. A luz do dia jamais penetra ali, e, do teto, pinga água constantemente...
Entra logo! Sinto frio nesta pocilga!

No fundo da masmorra está deitado sôbre a palha úmida um jovem em grilhões...
Conde Marcelo!
Vós, tambem? Que triste sina, a minha!

Tende fé, Marcelo! Meu filho chegou. Êle há de nos libertar!
Que o Céu vos ouça, Mestre!

Entrementes, como Folco havia prenunciado, os acontecimentos começam a mudar a situação. Fiorello, chegando à aldeia, procura uma hospedaria.

Êi, estalajadeiro! Uma cama para mim e boa ração para o meu cavalo.
Pronto, senhor!

Entregando o cavalo ao estalajadeiro, entra na enfumaçada taberna. Alguns jovens conversam em tôrno a uma pequena mesa.
Posso sentar-me convosco?
Sim, cavaleiro! A honra é tôda nossa!

Quereis vinho, senhor?
Sim. E traze o que comer, pois estou com uma fome de lôbo!

Enquanto espera que o sirvam, Fiorello se põe a conversar com os três jovens.
Não pareceis contentes, senhores... Posso saber se estais em dificuldades?
Levamos a vida de cães, senhor! Somos simples servos!

Sei que o Conde Gualberto é um tirano para os seus vassalos...
O Conde está sempre a exigir novos tributos!

Se eu fôsse um de vós, não me submeteria!
Isso é fácil dizer... O Conde é protegido por uma guarda poderosa, e nós não temos armas...
Somos maltratados e açoitados...

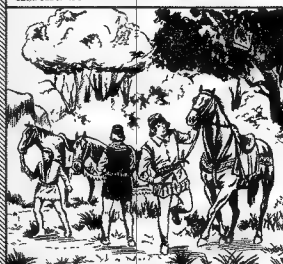
Não pertenceis ao feudo do Conde, senhor, senão...
Vim aqui para fazer justiça! Escutai: se há entre vós alguém que...

...me deseje seguir, fique sabendo que aqui vim para punir o usurpador e libertar o jovem Conde Marcelo!
Seguir-vos-ei eu, senhor!
Eu também!

A espontânea adesão dos jovens enche de alegria o coração de Fiorello.
Os bosques serão o nosso refúgio! Amanhã, pela madrugada, iniciaremos a luta contra o tirano!
Outros nos seguirão! Encarrego-me de recrutá-los...

Assim, forma-se o primeiro grupo de valentes que irão combater o malvado Conde Gualberto della Rocca!

Nos dias seguintes, atendendo ao apêlo feito, de todos os lados aparecem cavaleiros que se reúnem no denso bosque pouco distante da aldeia.

O lugar escolhido para se reunirem é uma clareira bem no centro da floresta.

E, de uma caverna, no alto de uma rocha, surge Fiorello.
Amigos, agradeço-vos terdes vindo. Nossa vida correrá muitos perigos, porque...

...o usurpador não nos dará trégua! Mas, nós o combateremos, até que justiça seja feita! De hoje em diante, deveis chamar-me "O Falcão da Montanha"! E em meu nome, combatereis!

Agora, em ação! No Castelo existem amigos que podem nos ajudar! Quem se sente capaz de ir até lá, para avisá-los de que estamos preparados?
Eu! Chamo-me Ruggero Corsi!

Bem, Ruggero, penetrarás no Castelo ao crepúsculo, e deves fazer com que chegue às mãos do Conde êste desafio!

A conspiração contra o tirano começara. Cai a noite, e àquela hora, como de costume, o Conde Gualberto se diverte em lauta ceia com seus convivas.
O fato de me haver livrado de Folco, me torna alegre! A sua presença me lembrava uma sombra de vingança...
Em bom momento o fizestes!

Mas, entre os criados e copeiros que vão e vêm com os pratos, há um novato em quem, no entanto, ninguém presta atenção: — é Ruggero, o jovem guerrilheiro.

De repente, dentro de um prato que é colocado diante do Conde, aparece um pergaminho...
Que é isso? Quem o trouxe?
Lêde, senhor Conde!

...cujo texto o faz empalidecer!
Que há, senhor? Más notícias?
Toma! Lê tu também! O ousado pagará bem caro...

Poucas são as palavras do pergaminho, mas enérgicas:

"Conde Gualberto. A punição caminha inexoràvelmente. Aproxima-se a hora em que pagarás pelos teus crimes. Treme, porque existe quem vele pela sorte de teus súditos oprimidos. Sou eu,

O FALCÃO DA MONTANHA."

Sem demora...

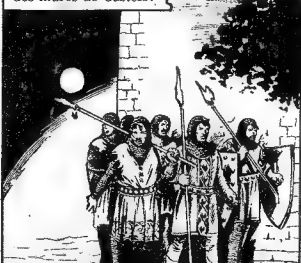
Mas Ruggero já vai longe. Despindo as vestes de criado, segue pela passagem secreta, que lhe fôra ensinada por Fiorello, e chega ao bosque...

...onde o espera o próprio Fiorello.

À noite, como vultos fantásticos, os jovens se reúnem junto de Fiorello.

E, sem fazer o mais leve ruído, cada qual ocupa o seu pôsto.

Não esperam muito tempo. O pesado portão se abre e a ponte levadiça desce com fragor de correntes. Aparece a patrulha de sentinela...

...que inicia seu giro de inspeção em tôrno dos muros do Castelo.

Ouve-se então um guincho misterioso que vem do bosque. Os guardas do Conde estacam, amedrontados...

É o sinal de Fiorello, dando início ao ataque. Os guardas são apanhados de surprêsa...

...e ràpidamente dominados e desarmados.

A luta é fulminante. Os guardas ameaçados com suas próprias armas são conduzidos à presença de Fiorello.

Protegido pela sombra da noite, para não ser reconhecido, Fiorello dá suas ordens...

E, quando, horas mais tarde, os guardas se apresentam diante do portão do Castelo...

Sircone é acordado e salta do leito, estupefato com o que acabara de ouvir!

Mas, refletindo melhor, Sircone, furioso, muda de idéia.

Sircone vai procurar o tirano que também está dormindo.

Quem vem lá?

Sircone!

O Capitão hesita um momento antes de acordar o seu senhor.

Finalmente se decide...

Senhor Conde! Senhor Conde!

Que há? Por que vens acordar-me a estas horas?

E, quando Sircone pronuncia um nome, o Conde se ergue sobressaltado.

Mas, neste momento, sibilante, uma flecha, passando entre os dois, vai se espetar na parede!

Nela está prêso um pergaminho que faz empalidecer Gualberto quando o lê!

Ficando a sós, o Conde Gualberto diz consigo mesmo, a cada instante, para criar coragem...

Mas, o número de partidários de Fiorello aumentara. Novos jovens se tinham alistado em suas fileiras. Agora perfazem já uma centena, bem armados e prontos para enfrentar os soldados do Conde que dão busca na floresta decididos a capturar ou matar o "Falcão"!

Mas os guerrilheiros estão atentos.

Avisado, Fiorello dá ordens para que se prepare uma cilada...

Ruggero organiza o cêrco, e, quando aparecem os trinta homens de Sircone...

...deixa que se aproximem bem, caindo de repente sôbre êles!

Sòmente Sircone, que se havia escondido numa moita, consegue escapar à captura, e...

...quando vê que cessara o perigo, cautelosamente, e apavorado, volta ao Castelo, onde sabe aguardá-lo a explosão de ira do Conde.

Após o audacioso golpe, Fiorello resolve pôr em ação outra arriscada façanha capaz de libertar definitivamente seu pai e o Conde Marcelo. Para isso escolhe alguns de seus melhores companheiros...

No Castelo todos os amigos do "Falcão da Montanha" são avisados

A noite é escura, sem lua. As estrêlas cintilam no firmamento... Fiorello e seus companheiros chegam à galeria secreta, removem a pedra que a fecha, e entram...

Não levam lanternas, para que não sejam notados

Que escuridão...

Silêncio!

Ao fim de alguns instantes, chegam a um aposento iluminado por alguns archotes ..

Continuando pelo túnel, avistam depois...

...os dois carcereiros que, para não se deixarem dominar pelo sono, jogam uma partida de dados..

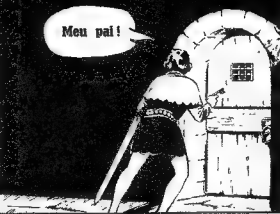
Sete! Ganhei de novo!

Tens sorte!

Êles não se apercebem de que sombras deslizam às suas costas...

Mas não podem continuar a discussão. São ràpidamente dominados e manietados por Fiorello e seus companheiros!

Amarrai e amordaçai êsses dois para que não cacarejem! Eu vou abrir as prisões.

Com o coração aos saltos, Fiorello corre a libertar seu pai e o seu amigo e senhor, o Conde Marcelo!

O velho Folco sai. Ampara o jovem Conde, em cujo rosto se revela todo o sofrimento por que passara. Fiorello, reverentemente, se ajoelha.

Homens que mais parecem fantasmas saem da escura prisão. Mas, mesmo assim, querem lutar ao lado de Fiorello!

Levando o Conde Marcelo, o destemido Fiorello parte para o seu objetivo!

Quando saem da galeria subterrânea são avistados por um grupo de guardas...

...que lhes procuram barrar a passagem. Mas os guardas, vendo-se em menor número, depõem as armas.

Entretanto, os partidários do "Falcão", no interior do Castelo, fazem arriar a ponte levadiça...

...através da qual passam todos para atacar e vencer os últimos soldados de Gualberto.

O tirano não tem nem tempo de escapar. Chama em vão o comandante de sua guarda, mas êste fugira.

Nisso, chega Fiorello...

Estás encurralado, tirano! Sou eu "O Falcão da Montanha"!

Alguns dias depois, toques de clarins anunciam que o jovem Conde Marcelo retoma o govêrno de seu feudo.

ÓPERAS FAMOSAS – VI

MADAME BUTTERFLY

POR GIACOMO PUCCINI

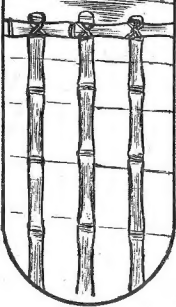
O Tenente Pinkerton, da Marinha dos Estados Unidos, apaixonou-se pela bela japonêsa Butterfly e, como deverá permanecer alguns meses em Nagasaki, faz com um contratador de casamentos, um arranjo pelo qual ficará casado com a linda Butterfly durante alguns meses. Esta, porém, que tem seu coração cheio de amor pelo simpático americano, crê que o contrato estipula um casamento permanente, até ao fim de suas vidas.

Durante a alegre festa comemorativa do matrimônio, Butterfly conta ao marido que renunciou à sua religião para poder casar-se com êle. Pouco depois, enquanto os convidados comem e cantam, entra o tio de Butterfly, um velho monge que a amaldiçoa por haver abandonado a sua religião. Agora, Butterfly não tem mais outros amigos, além de Pinkerton e de sua criada Suzuki.

Depois de alguns meses, em que vivem os dois em plena felicidade, Pinkerton comunica a Butterfly que terá que deixar a bonita casa com os floridos jardins e sua meiga espôsa: tem que voltar à América, mas assegura que voltará na primavera.

Passaram-se três anos, e é mais uma vez primavera. Butterfly, fiel espôsa e saudosa do seu amado marido, observa ansiosamente cada navio que transpõe a barra.

Nesse ínterim, chega uma carta ao cônsul norte-americano, Sharpless. É de Pinkerton, que lhe pede para comunicar a Butterfly sua chegada com a espôsa americana. Quando Sharpless se dirige para a residência de Butterfly, encontra-se com Goro, o contratador de casamentos. E êste lhe conta a proposta de um rico príncipe, que deseja casar com a bela Butterfly.

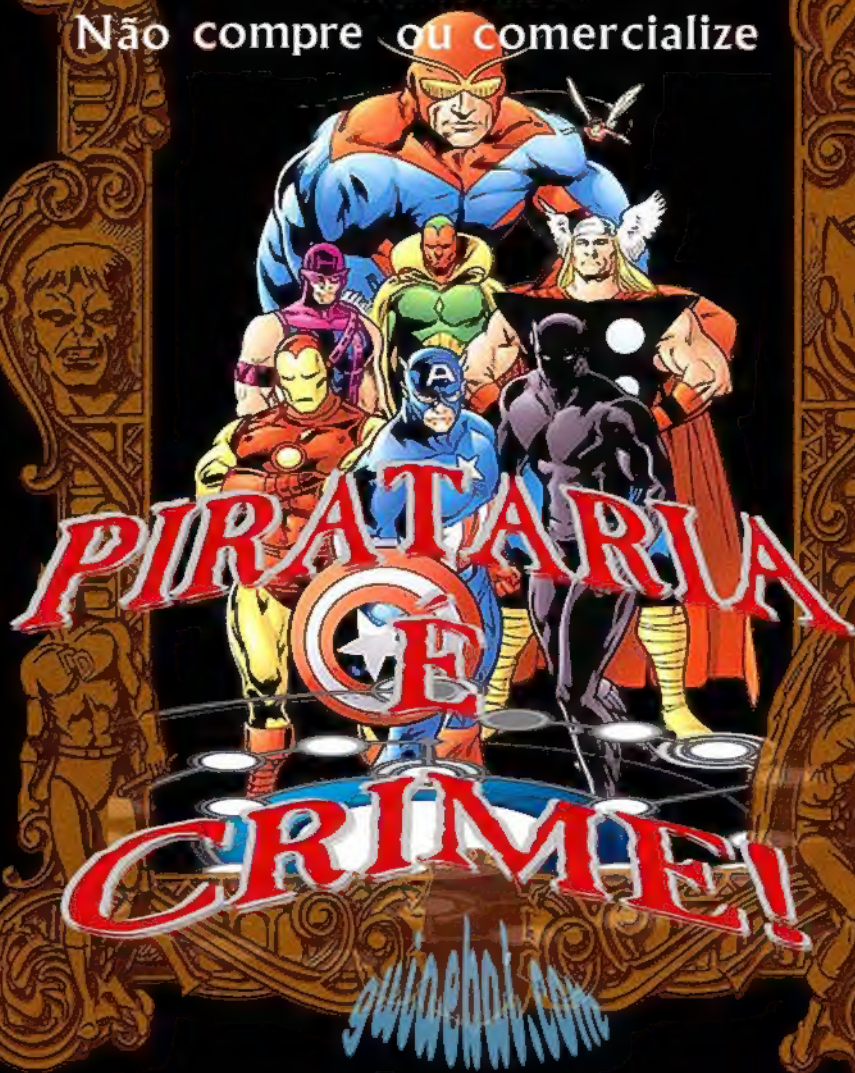
Ambos chegam à casa de Butterfly e tentam convencê-la de se casar com o príncipe Yamadori. Butterfly, porém, chama-lhes a atenção para o fato de que já é casada com Pinkerton. E, como que para dissipar qualquer dúvida e fazer cessar a discussão, mostra-lhes seu filho de cabelos dourados. Sharpless, ante tamanha demonstração de constância e de amor, não tem coragem de lhe comunicar a chegada de Pinkerton e a espôsa. Os dois deixam a casa de Butterfly, enquanto se ouvem tiros de canhão que anunciam a chegada de um "destroyer" americano.

É o navio de Pinkerton. Butterfly e Suzuki começam alegremente a enfeitar a casa com flôres delicadamente coloridas e de suaves fragrâncias. Logo, Butterfly, a criança e a criada Suzuki se sentam junto à janela, à espera de Pinkerton. A criança e a criada adormecem; Butterfly, porém, fica de vigília tôda a noite.

Na manhã seguinte, Pinkerton e sua espôsa chegam à casa de Butterfly. Ao ver a tristeza que se estampa nos olhos de Butterfly, quando Sharpless lhe revela a verdade, Pinkerton não pode se conter, e se retira apressadamente da sala.

Com impressionante calma, Butterfly ouve os pedidos da espôsa americana de Pinkerton, que deseja adotar a criança. Butterfly responde que entregará a criança, caso se retirem por meia hora.

Quando os americanos se retiram, Butterfly toma da espada de Samurai que pertencera a seu pai e a segura com a ponta em direção ao coração. Nesse momento, a criança corre para ela. Abraçam-se pela última vez, um forte e longo abraço. Butterfly dá à criança alguns brinquedos e uma bandeira americana, e se dirige para trás de um reposteiro, cravando em si própria a lâmina na qual está inscrita a frase: "Morrer com honra, quando não mais se pode viver com honra".

Quando Pinkerton volta, encontra o frágil corpo de Butterfly estendido perto da criança. Êle toma o filho ao colo e corre para o jardim, onde está sua espôsa.

PINTURA BRASILEIRA ★ "RABEQUISTA ÁRABE" ★ PEDRO AMERICO

www.guiaebal.com

Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!